

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

THAIS GUARAGNA MORALES

**TINTA, ARTE E SANGUE:
A trajetória da tatuagem em Porto Alegre**

Porto Alegre

2017

THAIS GUARAGNA MORALES

**TINTA, ARTE E SANGUE:
A trajetória da tatuagem em Porto Alegre**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Museologia, do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora Prof^a Ma. Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Jeniffer Alves Cuty

Chefe-Substituta: Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenador: Eráclito Pereira

CIP - Catalogação na Publicação

Morales, Thais Guaragna
TINTA, ARTE E SANGUE: A trajetória da tatuagem em
Porto Alegre / Thais Guaragna Morales. -- 2017.
67 f.
Orientadora: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Tatuagem. 2. Museologia. 3. Preservação. 4.
Arte. 5. Porto Alegre. I. Giovanaz, Marlise Maria,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Rua Ramiro Barcelos, nº2705 - Bairro Santana
CEP 90035-007 - Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3308-5067
E-mail: fabico@ufrgs.br

AGRADECIMENTOS

À Rosângela Veiga, colega e amiga que me ensinou sobre a vida profissional e me ajudou a escolher o tema deste trabalho.

À minha orientadora Marlise Giovanaz, por acreditar no tema e em mim.

À banca, Carol Gelmini e Letícia Bauer, por aceitarem participar desse momento; obrigada Carol por acreditar neste trabalho quando ainda era um projeto e por toda a ajuda e dicas (além de todo o aprendizado e incentivo durante o curso, claro!); Letícia, obrigada por me ensinar como é uma grande profissional, por tudo que me foi ensinado durante nossa convivência, tu és uma inspiração pra mim!

Aos tatuadores que se dispuseram a colaborar com este trabalho, muito obrigada pelo tempo, aprendizado e gentileza compartilhados comigo.

Às colegas que se transformaram em amigas, Alahna Rosa, Julia Jaeger e Kimberly Terrany, por toda parceria e apoio e tudo que vivemos, dentro e fora da faculdade.

Mãe, obrigada por ser a melhor mãe que tu podias ser! Obrigada por deixar que eu fizesse a primeira tatuagem, tantos anos atrás, e por sempre me ajudar a cuidar de todas as outras que vim fazendo ao longo dos anos! <3

tatuagem (s.f.)

é cicatriz que a alma fecha. é marca de nascença
que a vida se esqueceu de desenhar, e a agulha
não. é quando o sangue vira tinta. é a história que
eu não conto em palavras. é o quadro que eu
resolvi não pendurar na parede da minha casa.

é quando eu visto minha pele nua com arte.

João Doederlein, 2017.

RESUMO

O presente trabalho se propôs a investigar a trajetória da tatuagem e de profissionais dessa área na cidade de Porto Alegre (RS). Faz uma análise de produções realizadas acerca do tema tatuagem, concluindo a ausência de trabalhos sobre esta temática no campo da Museologia. Apresenta uma breve explicação sobre o processo físico da tatuagem. Identifica os atores escolhidos para dar voz à história da tatuagem na cidade a partir de meados dos anos 1980. Discorre sobre temas como as relações no campo da tatuagem, a preservação de trabalhos e práticas, a tatuagem como arte e o reconhecimento da profissão e dos profissionais, além de apresentar um pequeno panorama sobre a questão de gênero no campo. Para esta produção, foram realizadas entrevistas e posterior análise das mesmas. Conclui a necessidade de maiores estudos na área, além da necessidade de maior preocupação acerca do tema por aqueles que vivem no meio e por aqueles que o admiram.

PALAVRAS-CHAVE: Tatuagem. Museologia. Preservação. Arte. Porto Alegre.

ABSTRACT

This paper aimed to investigate the trajectory of the tattoo and of professionals of this area in Porto Alegre (RS). It makes an analysis of productions made on the subject of tattooing, concluding the absence of works on this subject in the field of Museology. It presents a brief explanation about the physical process of the tattoo. Identifies the chosen actors to give voice to the history of the tattoo in the city from the mid-1980s. Discusses topics such as relations in the field of tattooing, preservation of works and practices, tattooing as art and recognition of the profession and the professionals, in addition to presenting a small panorama on the issue of gender in the field. For this production, interviews were carried out and later analyzed. It concludes the need for further studies in the area, in addition to the need for greater concern about the theme by those living in the environment and by those who admire it.

KEYWORDS: Tattoo. Museology. Preservation. Art. Porto Alegre.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – A TINTA NA PELE	20
IMAGEM 2 – VERANI FONTANA	22
IMAGEM 3 – NILTON VARGAS	23
IMAGEM 4 – FERNANDA WEBER	24
IMAGEM 5 – EDUARDO “EDU TATTOO” DEMINGO	25
IMAGEM 6 – LEANDRO “BOLA TATTOO” FLECK	26
IMAGEM 7 – DESENHOS E PRÊMIOS - DETALHE DA LOJA DE BOLA	29
IMAGEM 8 – CARIMBOS COLADOS NA PORTA - DETALHE DA LOJA DE EDU	31
IMAGEM 9 – BANCADA DE VERANI DURANTE UM TRABALHO	32
IMAGEM 10 – PRIMEIRA PÁGINA DE UM ÁLBUM DE EDU	36
IMAGEM 11 – DETALHE DAS INFORMAÇÕES DO ÁLBUM	36
IMAGEM 12 – PRIMEIRA MÁQUINA CASEIRA DE EDU	39

SUMÁRIO

1 MINHA TELA EM BRANCO	10
2 AQUELES QUE JÁ FORAM MARCADOS	15
3 A MARCA E AQUELES QUE MARCAM	21
4 QUEM MARCA A CIDADE	28
4.1 Relações	28
4.2 Preservação	35
4.3 Arte	39
4.4 Gênero	42
4.5 Reconhecimento	44
5 A MARCA EM MIM	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	
Apêndice A – Roteiro de entrevista – Verani Fontana	54
Apêndice B – Roteiro de entrevista – Nilton Vargas	56
Apêndice C – Roteiro de entrevista – Fernanda Weber	58
Apêndice D – Roteiro de entrevista – Edu Tattoo	60
Apêndice E – Roteiro de entrevista – Bola Tattoo.....	63
Apêndice F – Termo de Consentimento	65

1 MINHA TELA EM BRANCO

Ao buscar um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso sempre tive em mente me aprofundar em algo que fosse parte da minha vida, e uma parcela importante dela. Algumas conversas e conselhos depois, considerando as mais de vinte tatuagens que tenho espalhadas pelo corpo, decidi que esse seria o foco: a tatuagem.

São tantos tatuadores e tatuadoras que já passaram pela minha vida, e tantos tatuados e tatuadas que tenho como amigos e família, que essa será uma grande homenagem a todos eles, além de a todos aqueles tatuados e tatuadores que se foram antes de terem seus trabalhos reconhecidos, àqueles que sofreram preconceitos por suas escolhas. Muitos têm dúvidas a respeito dessas pessoas e do que elas fazem. Eles e elas foram e são artistas, artesãos, profissionais? Como foi e como é hoje essa ocupação?

No Brasil, a partir de meados dos anos 1980, a escolha de tatuar ou ser tatuado veio deixando de ser tratada como errada ou marginal, espalhando-se pelas diversas camadas sociais e sendo comum a variados grupos. Aos poucos e cada vez mais, esses trabalhos passam a ser considerados arte, estando apenas em um suporte diferente do usual – a pele sendo, inclusive, chamada de ‘tela’.

Corpos mumificados como, por exemplo, o do Homem do Gelo, de 5300 a.C. descoberto nos Alpes Italianos em 1991¹, da princesa Amunet do Egito, que viveu em cerca de 2000 a.C.² e de uma mulher de 1300 anos atrás encontrada no Sudão³, já possuíam tatuagens. Índios brasileiros. *Maoris* da Nova Zelândia. Mafiosos chineses. Artistas de circo. Marinheiros e prostitutas de várias partes da Europa. Presente em diferentes lugares do mundo nos mesmos períodos, é impossível sabermos quando ou onde a prática de se tatuar nasceu. Sabemos, no entanto, que há muito tempo muitas pessoas têm suas vidas centradas nessa ocupação.

A Museologia que, entre tantas atribuições, também tem como função registrar

¹ **Múmia de 5.300 anos é encontrada nos Alpes italianos.** Disponível em <<https://seuhistory.com/hoje-na-historia/mumia-de-5300-anos-e-encontrada-nos-alpes-italianos>>. Acesso em 31/02/2017.

² MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos.** Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997. 246p.

³ **Descoberta tatuagem cristã em múmia com 1300 anos.** Disponível em <<http://www.ciencia-online.net/2014/03/descoberta-tatuagem-crista-em-mumia.html>>. Acesso em 31/05/2017.

e preservar ações e conhecimentos, é o que motiva este trabalho, dando os parâmetros para a abordagem do saber-fazer⁴ do tatuador, tratando-o como uma profissão que deve ser preservada e (re)conhecida, para que suas antigas práticas não sejam esquecidas quando novas forem adotadas. É quanto a essa variedade de práticas que buscaremos refletir.

Sabe-se que a introdução das máquinas de tatuar elétricas foi fundamental para grandes mudanças no ofício, mas o que mais vem se transformando neste fazer? Há hábitos, costumes e tradições entre diferentes camadas de profissionais: os tatuadores fazem parte de um desses grupos com características próprias? O que caracteriza esse grupo? Essas características de processos são comuns aos diferentes grupos de profissionais encontrados em Porto Alegre? Afinal, ao menos em teoria, cada grupo possui sua identidade⁵.

A tatuagem é uma forma contemporânea de expressão que possui milhares de adeptos, ainda que seu início seja extremamente antigo e incerto. Junto disso, temos várias famílias que baseiam seu sustento e suas vidas neste ofício. No entanto, comparado a outros saberes, o saber tatuar (e, claro, o resultado desse saber - a tatuagem) ainda não é tão trabalhado quanto poderia ser. Inúmeras abordagens seriam possíveis àqueles que se propusessem a deixar de lado os preconceitos com a prática. O campo⁶ da Museologia, ainda que vasto, não deu atenção a esse ofício. Este trabalho tenta iniciar a abordagem desse tema num viés ainda não discutido.

É importante mencionar, também, que conforme o tempo passa, o início da tatuagem moderna no Brasil e em Porto Alegre vai ficando mais distante. Em breve, pessoas que participaram desse momento não estarão mais conosco, podendo passar adiante seus conhecimentos e vivências; assim, será cada vez mais difícil deixar registradas essas memórias. Isso implica na relevância de trabalhos na área, para garantir seu reconhecimento futuro.

Cada mudança e inovação gera uma reação ao campo da tatuagem, que se adapta dia a dia ao que elas trazem. Ainda que benéficas ao ofício, essas inovações

⁴ O detalhamento do conceito será apresentado adiante.

⁵ O detalhamento do conceito será apresentado adiante.

⁶ O detalhamento do conceito será apresentado adiante.

não podem encobrir o passado e a história que nos trouxe até aqui. Todas as alterações ocorridas no campo me guiaram às perguntas que norteiam esta pesquisa e que busquei responder ao longo do trabalho: Como se dá hoje a formação profissional do tatuador? Há uma tradição que envolve o ofício? É possível afirmar que o saber-fazer do tatuador lhe confere o *status* de artista? É possível identificar memórias coletivas que caracterizam uma identidade profissional regional? Essas são as questões centrais desta pesquisa.

O objetivo geral do trabalho foi investigar o saber-fazer de tatuadores regionais considerando as características e conhecimentos compartilhados como práticas culturais e identitárias de um ofício. Dessa forma, foram elencados os seguintes objetivos específicos: analisar a formação de tatuadores de acordo com uma perspectiva regional; analisar o processo histórico da realização de tatuagens no contexto estudado; acompanhar o processo de produção de tatuagens de acordo com diferentes perspectivas temporais; comparar a produção atual de tatuagens com a produção inicial na cidade e região; refletir sobre a relação entre tatuadores e tatuagem e, por fim, refletir quanto à necessidade de preservação da atividade de tatuador como contribuição ao campo – da tatuagem e da Museologia.

A tatuagem não existe sem o tatuador, e o processo de tatuar não existe sem ambos. Logo, acredito ser relevante explicar de forma direta que o foco do trabalho não é a tatuagem como marca, como resultado, e sim o processo do qual resulta essa marca e as vivências daquelas pessoas que fazem disso suas vidas.

A metodologia de realização deste trabalho consiste em pesquisa acadêmica de cunho básico, através de documentação direta e indireta, utilizando fontes primárias e secundárias. É uma pesquisa exploratória e descritiva, contando com análises bibliográficas, estudo de caso, estudo de campo e observação. As fontes de informação foram baseadas, como citado anteriormente, em bibliografias e campo, coletando informações diretamente com tatuadores.

Os procedimentos técnicos trabalhados foram: pesquisa bibliográfica e documental, estudo de campo e de caso e pesquisa participante. A abordagem foi qualitativa, por se tratar de um tema subjetivo. Para atender ao problema de pesquisa levantado foram realizadas entrevistas abertas, semiestruturadas e também de história de vida, além do acompanhamento do trabalho de tatuadores atuantes em Porto Alegre e região metropolitana: Verani Fontana, Nilton Vargas, Fernanda Weber,

Eduardo “Edu Tattoo” Demingo e Leandro “Bola Tattoo” Fleck. Os roteiros das entrevistas realizadas encontram-se nos apêndices A a E deste trabalho. Para o registro das conversas utilizou-se a metodologia da História Oral, amplamente trabalhada por Verena Alberti, e aceita e legitimada academicamente a partir do século XX.

Foram realizadas análises documentais a respeito dos temas tatuagem, arte, identidade, saber-fazer, museologia e campo, a fim de embasar o trabalho de forma satisfatória. Essas análises se deram em artigos, teses, dissertações, livros e revistas. Além disso, foi fundamental o contato direto com tatuadores e seus acervos, produções, técnicas e histórias, pois é no dia-a-dia que ficam evidentes as variações ocorridas no campo, além do fato de que é esse contato que trará informações e interpretações sobre o sentimento dos profissionais para este trabalho. Não há ninguém melhor para contar como algo acontece do que as pessoas que vivenciam as histórias. Portanto, foram realizadas entrevistas com os tatuadores mencionados acima, sendo que dois deles atualmente trabalham no mesmo estúdio. O processo se deu da seguinte forma: busca pelos profissionais e contato; entrevista, sendo 4 delas realizadas no local de trabalho dos entrevistados; observação do processo de uma tatuagem (quando possível); entrevista 2 (quando necessário. Momento reservado para quaisquer dúvidas que possam ter ficado após as primeiras etapas). As entrevistas foram transcritas para realizar a análise proposta neste trabalho. Foi decidido que o conteúdo total das entrevistas não seria disponibilizado, pois estas ocorreram dentro de um projeto desenhado anteriormente e poderiam expor conteúdos e fatos não essenciais para a compreensão do tema.

Este trabalho se encontra estruturado em cinco capítulos. Após este capítulo inicial, onde apresento o tema e os problemas que serão discutidos, se encontra o capítulo *Aqueles que já foram marcados*, que introduz alguns autores e trabalhos que abordaram o tema da tatuagem anteriormente, além dos conceitos que embasaram as entrevistas realizadas. No capítulo seguinte, *A marca e aqueles que marcam*, apresento o processo de uma tatuagem e os atores desta pesquisa, os tatuadores que colaboraram com suas experiências. Em *Quem marca a cidade*, analiso as falas dos tatuadores nas entrevistas, problematizando-as junto de autores de diversas áreas do conhecimento, abordando os principais temas das conversas. No capítulo final, *A marca em mim*, retomo as questões deste primeiro capítulo, analisando o que foi

produzido ao longo do trabalho, além de proposições a respeito do tema.

2 AQUELES QUE JÁ FORAM MARCADOS

Este capítulo tem a intenção de apresentar ao leitor um breve recorte dos trabalhos existentes, relacionados aos temas tatuagem e tatuadores, além dos conceitos utilizados para embasar a produção das entrevistas realizadas com os personagens desta pesquisa. Como mencionado anteriormente, não foram encontrados, no campo da Museologia, trabalhos que tratem do ofício do tatuador. No entanto, outras áreas do conhecimento já elaboraram pesquisas, que são discutidas neste momento para dar fundamento ao presente trabalho⁷. Aqui, elas serão apresentadas de acordo com a proximidade à abordagem escolhida, partindo da mais ampla até a mais próxima. Não será considerada a proximidade geográfica dos trabalhos.

No artigo *A Tatuagem como Linguagem Artística na Contemporaneidade* (2016), Francisco Benvenuto Gusso traça um breve histórico da tatuagem - seção presente em praticamente todos os trabalhos analisados. O autor propõe uma reflexão sobre a tatuagem e suas possibilidades em diferentes suportes além da pele (quadros, telas, paredes, porcelanas e tecidos, por exemplo). Essas diferenças conversam com a abordagem a ser trabalhada aqui, considerando as mudanças ocorridas no ofício no decorrer das décadas.

Em *A Tatuagem como Meio da Arte: O Corpo, a Marginalidade e a Apropriação Simbólica* ([2016?]), Camila Vieira de Souza traz a apropriação da tatuagem como um meio de discurso da obra de arte, trabalhando o corpo como suporte dessa obra. Apresentando ainda a questão do papel do artista enquanto mediador das relações entre sujeito e sociedade, podemos realizar uma ligação com a necessidade de registro desse ofício, com fins de preservá-lo para o futuro.

A dissertação de Ana Mônica Palinhos Oliveira, *A Tatuagem como Profissão: um Ofício Tornado Arte?* (2012), mesmo sendo relativa ao meio português, tem pontos em comum com a realidade brasileira e gaúcha, analisando de que forma o campo da tatuagem vem se profissionalizando, além de estudar tatuadores enquanto artistas e profissionais com características que lhes são próprias.

⁷ Foram realizadas, primeiramente, buscas sobre o tema em repositórios de universidades nacionais. Em seguida, foram realizadas análises nas referências e bibliografias dos trabalhos encontrados. Outro meio de busca foi o site <http://www.frrrkquys.com.br/>, que conta com a seção "FRRRKademic", onde disponibiliza trabalhos acadêmicos sobre o tema das modificações corporais.

Beatriz Patriota Pereira no artigo “*Todo Mundo quer ser Artista*”: *Negociações por Reconhecimento Artístico Entre os Tatuadores de São Paulo* (2016) investiga o processo de artificação que envolve a tatuagem, entendendo ‘artificação’ como a transformação de não-arte em arte. São questionadas as estratégias e discursos de tatuadores para que a prática da tatuagem seja vista como uma forma de arte, dando o tratamento correto à forma como os profissionais se identificam.

Andréa Barbosa Osório, na tese *O Gênero da Tatuagem: Continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro* (2006), observa dois estúdios de tatuagem e relata os usos e preferências dos clientes em relação aos trabalhos realizados pelos profissionais. Ela trabalha a questão de desenhos, estilos, regiões do corpo em que as tatuagens são realizadas, dor, experiências etc sempre considerando o gênero dos clientes, as diferenças de escolhas e reações entre mulheres e homens.

Gabriela DeLuca apresenta a dissertação “*Você só tatua?*” *A Trajetória Profissional no Campo da Tatuagem* (2015). Abordando a questão do crescimento profissional dos tatuadores e os diferentes ‘níveis’ alcançados - de aprendiz a dono de estúdio e mestre -, este é o trabalho que mais se aproxima aos problemas da presente pesquisa, sempre com a clareza de que não se trata de abordagem museológica e sim da área da Administração.

São diferentes tipos de produção (artigos, dissertações e teses) que abordam variadas perspectivas, todas com a mesma intenção: trabalhar um tema que por muito tempo foi deixado de lado e marginalizado, mas vêm ganhando espaço na sociedade. De um modo geral, a maioria dos trabalhos indicados acima, e outros não indicados mas que certamente vão muito além dos mencionados, foram sendo desenvolvidos nos últimos anos, provando que a tatuagem está, aos poucos, deixando de representar um estigma.

Os conceitos apresentados a seguir foram pensados para embasar este trabalho e fundamentar a forma como a tatuagem foi apresentada, além de, como já comentado, guiarem as entrevistas e ações para uma apresentação satisfatória do tema. Eles foram sendo definidos durante o projeto de pesquisa, de acordo com os objetivos propostos para a pesquisa.

O conceito de “arte” foi construído a partir do século XVII, num contexto Europeu,

e junto dele se deu o processo de criação da Academia, que estabeleceu diferenças e barreiras entre artistas e os outros (artesãos, por exemplo). O fim da dependência dos artistas aos aristocratas também foi relevante para a construção desse conceito, pois permitiu que se constituísse um mercado, um público e uma estética próprios. A partir disso, atualmente têm-se classificado como arte não apenas o que é definido por instituições e disciplinas já consagradas, mas o resultado desses processos sociais.

A artificação, segundo Shapiro (2007), de maneira objetiva, é a transformação de não-arte em arte, participando de um movimento que pretende objetivar a cultura. É um processo que trata de requalificar as coisas para enobrecê-las, transformando o objeto em arte, o produtor em artista, a fabricação em criação. A ênfase, então, passa a ser considerada mais na arte como atividade do que como objeto. Ainda, é a artificação aquilo que pode abolir as fronteiras entre arte popular e arte de elite, configurando um processo de mudança social. Por meio dela surgem novos objetos, novas práticas e transformações em relações e instituições. Shapiro (2007, p.143) ainda cita outros autores quando diz que “[...] tudo que comporta a marca da mão humana é suscetível de ser redefinido como arte”.

Convém mencionar, porém, que artificação e legitimação são conceitos diferentes (SHAPIRO; HEINICH, 2013). O conceito de artificação é um avanço teórico em relação à legitimação; é um processo de mudança do qual a legitimação é uma consequência. A artificação resulta em legitimação.

Há processos que estão inseridos no desenvolvimento da artificação, e são eles: deslocamento, renomeação, recategorização, mudança institucional e organizacional, patrocínio, consolidação jurídica, redefinição do tempo, individualização do trabalho, disseminação e intelectualização (SHAPIRO; HEINICH, 2013). O deslocamento de uma produção de seu contexto inicial é fundamental para a artificação.

A artificação da tatuagem vem ocorrendo com o passar das décadas, conforme evoluções acontecem nos meios de trabalho e também nas interações sociais, ainda que não esteja totalmente legitimada (acredito, pessoalmente, que esteja no caminho!). Diferentes grupos se unem, tendo como elo o trabalho ou mesmo o gosto pela tatuagem, o que nos leva a trabalhar a identidade e a identificação de um indivíduo com seus semelhantes. É fundamental mencionar esse conceito, pois tatuados foram e ainda são dispensados, excluídos ou deixados a parte em muitos

grupos, mas ainda conseguem se encontrar e encontrar uma proximidade com outros tatuados partindo apenas de um interesse comum.

O conceito de identidade é bastante complexo. Hall (2006) traz três concepções diferentes, de forma simplificada, para os:

- Sujeitos do Iluminismo: indivíduo centrado em um núcleo interior que com ele nasce. Esse centro é a identidade de uma pessoa;

- Sujeitos sociológicos: consciência de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente; a identidade aqui é formada por interações, o interior mais o exterior, costurando o sujeito à estrutura;

- Sujeitos pós-modernos: aqui, o sujeito é composto de várias identidades, todas em contínua transformação.

As sociedades de hoje, (pós) modernas, são caracterizadas por uma variedade de identidades (ou “posições de sujeito”). Elas mudam, podendo ser ganhadas ou perdidas de acordo com os acontecimentos, e não gerando uma identificação automática ou inata. São formadas ao longo do tempo, através de processos em andamento. Independentemente de suas características (classe, gênero, raça), grupos conseguem se unificar em identidades culturais por meio desses processos.

O autor ainda trabalha a questão da identidade com relação à globalização e sua influência nas relações espaço-tempo (HALL, 2006). Identidades nacionais seguem fortes, mas as identidades locais, regionais e comunitárias – as mais relevantes no contexto deste trabalho – tem se tornado mais importantes. Cabe mencionar que essa questão torna homogêneas as identidades globais, além de produzir identidades novas.

Bauman (2005) é outro autor que trata do tema da identidade. Ele também disserta sobre a questão da globalização como um processo mediador da construção de novas identidades. Para ele, a identidade tem caráter frágil e eternamente provisório, sendo que todos passam por mais de uma identidade – ao longo da vida e também ao mesmo tempo. As identidades, por vezes, se baseiam nas profissões exercidas pelos sujeitos. Ter conhecimentos semelhantes é uma forma de essa identificação acontecer.

Identidades são formas de pertencimento, não sendo sólidas, inegociáveis ou

irrevogáveis. Os caminhos tomados por um sujeito e suas maneiras de agir são fundamentais para a existência de um pertencimento, e essa necessidade de pertencimento a um grupo gera a identificação com certas identidades.

Depois de variadas leituras, fica clara a relação entre saberes e práticas, sejam eles científicos ou resultantes do senso comum, sob o nome de “saber-fazer”. É um domínio de habilidades e competências específicas, que geram resultados que não costumam ser dominados por qualquer sujeito.

Cury (1982) aborda o saber-fazer no campo escolar, mas de forma que se aplica a variados contextos, trazendo-o como um “domínio competente” de um saber, ou seja, o conhecimento técnico aliado à capacidade de colocá-lo em prática de forma satisfatória. O autor ainda coloca de outra forma: a concepção de uma ideia é o saber, e sua execução consiste no saber-fazer. Ou mais: um conteúdo seria o saber, enquanto o método de aplicação desse conteúdo é o saber-fazer. A diferença entre saber e saber-fazer é, basicamente, a diferença entre saber *o que* fazer e saber *como* fazer.

Esses saberes e suas formas de fazer estão inseridos em campos, sendo aqui o da tatuagem. Por campo podemos compreender, segundo Bourdieu (1989, p. 66), “um universo relativamente autônomo de relações específicas”, visíveis aos agentes envolvidos naquele campo e determinante nas interações entre os indivíduos. Pereira (2015) aponta campo como um microcosmo social com autonomia e regras específicas, influenciado e relacionado com espaços mais amplos, formado por relações objetivas entre diferentes agentes – sejam indivíduos ou instituições, e estruturado por aquilo que é valorizado pelos agentes que dele fazem parte. É inerente aos campos a presença de lutas, objetos de disputa, tomadas de posição e, conseqüentemente, de poder. Essas lutas e disputas podem se dar por ambições pessoais - a vontade de controle, por exemplo - ou mesmo pela legitimação dos bens produzidos pelos agentes pertencentes ao campo, afinal diferentes relações resultam em diferentes posturas no mesmo meio.

Oliveira (2012b) apresenta campo como um espaço com autonomia relativa e variável e leis próprias onde se inserem agentes que produzem, reproduzem ou difundem uma ideia. Segundo Bourdieu (1983) “todas as pessoas que estão engajadas num campo têm um certo número de interesses fundamentais em comum, a saber, tudo aquilo que está ligado à própria existência do campo” (apud OLIVEIRA,

2012b, p. 161). Pereira (2015) e Oliveira (2012b) abordam este conceito de acordo com as concepções de Bourdieu.

Em *Sinais de Identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais* (2004), LeBreton analisa o corpo como uma matéria prima modelável, construída de forma pessoal, transitória, manipulável e sujeita a metamorfoses, sendo completado e tornando-se aquilo que se imagina dele. O autor trata da tatuagem (dentre outras formas de modificações corporais) como uma forma de alterar a relação do indivíduo com o corpo, construindo identidades. Ainda aborda a cultura das modificações corporais, trabalhando seus variados usos ao longo da história, sendo assim fundamental à essa pesquisa.

Para entender quem são os tatuadores, é necessário conhecer o que é a tatuagem. O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1986, p. 1653) traz como definição do verbete “tatuagem”

S. f. **1.** Processo de introduzir sob a epiderme substâncias corantes a fim de apresentar na pele desenhos e pinturas. **2.** O desenho ou pintura feitos por esse processo. **3.** Marca, sinal, estigma.

Já o Dicionário Houaiss, em uma edição mais recente do que a citada acima (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1817) apresenta, para o mesmo verbete

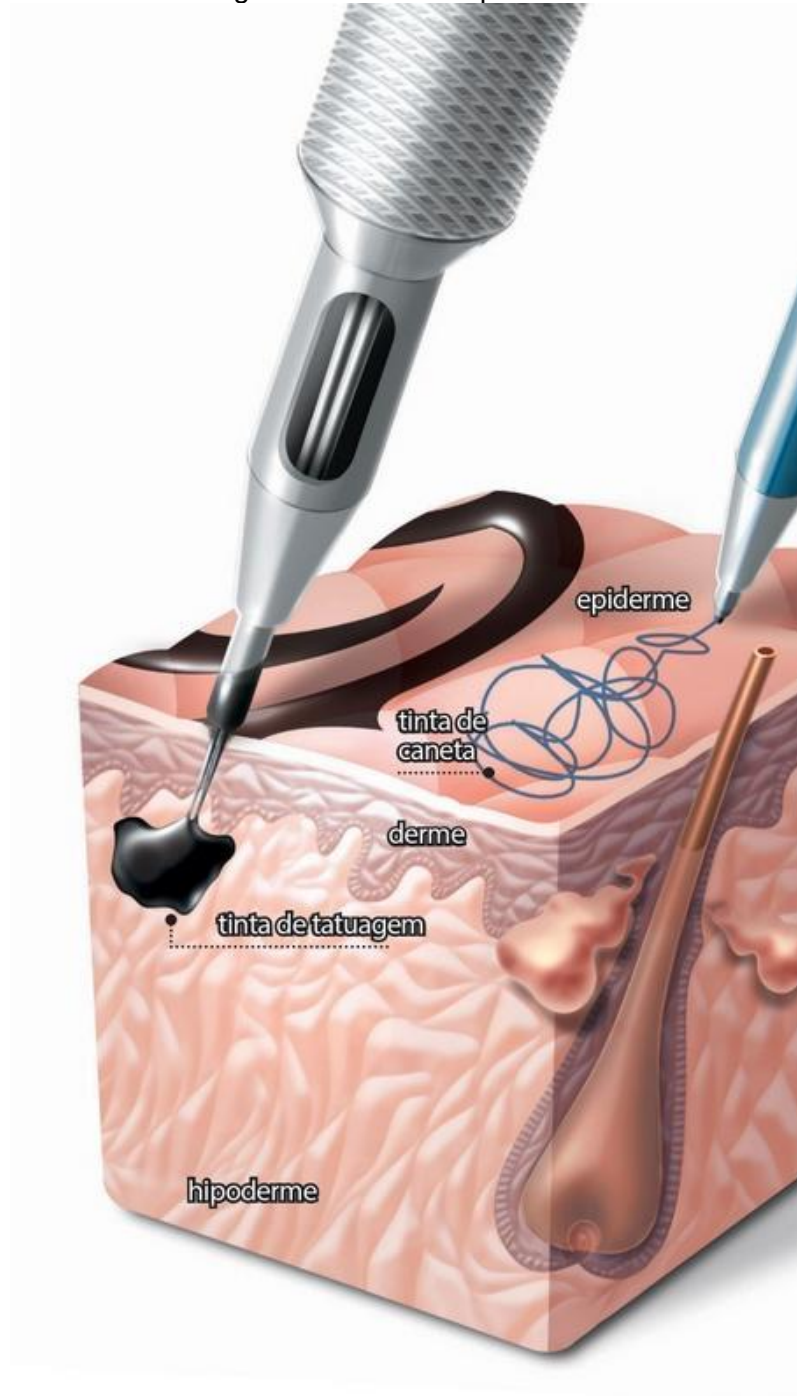
S. f. (1881) ato ou efeito de tatuar **1** arte de gravar na pele, por meio de pigmentos coloridos, ícones ger. indelévels que simbolizam forças da natureza, doutrinas etc. **2** qualquer marca ou desenho feitos por esse processo **3** qualquer vestígio visível e relativamente duradouro; sinal, marca, cicatriz.

Encontram-se, nas definições acima, indícios interessantes a respeito da forma como a tatuagem vem sendo abordada na sociedade no decorrer dos anos. Enquanto a versão mais recente já aborda a marca como arte, a versão mais antiga traz a palavra “estigma”, que nada mais é do que uma marca negativa. Osório (2006, p. 36), menciona a utilização dessa palavra para identificar uma marca corporal punitiva, em distintas sociedades. Podemos considerar ainda a tatuagem sendo vista como estigma social, levando à sua desaprovação e marginalização (o que, fica claro, vem se desfazendo com o passar do tempo).

Sob a segunda camada da pele – entre 1 e 2mm abaixo da derme – é depositada, por meio de agulhas, a tinta que vai formar os desenhos. Acima disso, conforme o tempo passa e a pele se renova, a tatuagem vai perdendo cor e definição e acaba por apagar. Abaixo, se atingir a camada de gordura, a tinta se espalha e resulta apenas em manchas. Dor, durante minutos ou horas, sangue, alguns curativos e cuidados e aproximadamente 20 dias⁸ para uma cicatrização completa (isso, claro, variando de pessoa para pessoa). De forma bastante simplificada, é assim que uma tatuagem acontece. No entanto, não podemos ser inocentes a ponto de acreditar que a tatuagem – e, claro, a profissão do tatuador – se resumam a essa breve explicação.

⁸ **Dermatologia: mitos e verdades da cicatrização das tatuagens.** Disponível em <<https://www.tattoodo.com/a/2015/10/dermatologia-mitos-e-verdades-da-cicatrizacao-das-tatuagens/>>. Acesso em 07/11/2017.

Imagem 1 – A tinta na pele



Fonte: Revista Mundo Estranho, 2009⁹

O processo da tatuagem como marca vai além e se divide entre quem tatua e quem será tatuado. O primeiro passo é a vontade que um indivíduo sente de marcar

⁹ Disponível em <<https://mundoestranho.abril.com.br/saude/se-as-celulas-da-pele-se-renovam-por-que-a-tatuagem-nao-sai-com-o-tempo/>>. Acesso em 10/11/17.

algo em si. O futuro tatuado passa, então, à busca pelo profissional que realizará a tatuagem; hoje em dia é bastante comum que a busca e o primeiro contato sejam feitos através de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, mas ainda acontece também como em anos passados: indicações de amigos e conhecidos ou visitas a estúdios que venham a estar no caminho. Então há uma conversa para definir o que realmente irá para a pele, em qual local do corpo, tamanho, cores e toda a questão estética. É aí que se inicia o trabalho do tatuador: criação do desenho seguido pela produção do “carimbo”. Na hora da tattoo o profissional separa todos os materiais que serão necessários: luvas, máscaras, máquinas, tintas, agulhas, biqueiras, papel-toalha, vaselina, água com sabão... Tudo aquilo que não é descartável ou esterilizável é embalado com plástico filme (incluindo a maca ou cadeira onde o tatuado ficará, por exemplo), do mesmo tipo que o utilizado para embalar alimentos. O carimbo é passado para a pele quantas vezes forem necessárias, até que o profissional e o cliente fiquem satisfeitos e aí sim inicia o processo comentado acima. É importante mencionar: nem sempre foi dessa forma, pois houve o tempo em que tatuadores trabalhavam na rua, sem nenhum cuidado relativo à segurança dos clientes ou sua própria.

O processo vai além: é algo íntimo. Envolve o compartilhamento de sentimentos e sensações. Resulta em dor e compartilhamento dessa dor; envolve sangue e o toque consentido no corpo de alguém estranho. No momento da tatuagem, é como se fosse criado um laço entre quem tatua e quem é tatuado. Duas histórias se cruzam e passam a fazer parte uma da outra. A marcação não é apenas física. É estabelecida uma relação de confiança entre tatuador e tatuado. Mesmo sem assinar o trabalho, o artista vai estar ali, presente em um corpo desconhecido através de sua criação.

Para a realização deste trabalho foram entrevistados 5 tatuadores, que dividiram comigo seus passados, seus presentes e seus desejos para o futuro; suas escolhas e opiniões sobre a profissão que exercem e seus gostos. A escolha destes atores foi tão subjetiva quanto o tema deste trabalho: busquei pessoas cujos trabalhos me agradam. A simpatia pelos profissionais e seus trabalhos, contatos realizados anteriormente e indicações também foram considerados nesse momento. Como aqueles que os escolhem para produzir uma tatuagem, também escolhi ser marcada por eles: este trabalho é o produto final dessa marcação. Vale mencionar: os

participantes iniciaram suas carreiras em meados dos anos 1980, logo, esta pesquisa apresenta recorte temporal desde então até o ano de 2017. Abaixo o leitor poderá conhecer um pouco de cada um desses personagens.

Verani Fontana é um dos grandes nomes da tatuagem em Porto Alegre, envolvido no campo desde 1987. Nascido no interior do Rio Grande do Sul, veio pra capital ainda bem jovem, começando a tatuar quando adolescente. O gosto por arte e desenho sempre o acompanhou: desenhava seus amigos com canetinhas e nanquim. Na época era grande a dificuldade em encontrar materiais ‘profissionais’ para tatuar – e quando se conseguia, eram itens caros - o que o levou a montar sua primeira máquina de forma artesanal.

Verani tem 44 anos e é hoje proprietário de um dos maiores e mais renomados estúdios da cidade, contando inclusive com uma filial, com equipe composta por alguns dos melhores profissionais da área. Ainda possui uma loja onde revende equipamentos para tatuagem.

Imagem 2 – Verani Fontana



Fonte: Perfil de Verani no *Facebook*¹⁰

¹⁰ Disponível em <<https://www.facebook.com/veranitatoo>>. Acesso em 10/11/17.

Com 33 anos, tatuando desde 2006 e tendo passado por vários estúdios de Porto Alegre e região metropolitana, Nilton atualmente faz parte da equipe de Verani. Desenhando desde sempre, a tatuagem foi apenas o caminho natural das coisas em sua vida. Tenho 4 tatuagens dele e confio muito em seu trabalho, por isso realizei o convite pra participar dessa pesquisa. Além disso, a questão temporal foi importante: precisava da participação de alguém mais jovem que os demais tatuadores, mas que já estivesse inserido e estabelecido no campo.

Imagem 3 – Nilton Vargas



Fonte: Perfil de Nilton no *Facebook*¹¹

¹¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/nilton.vargas.79>>. Acesso em 10/11/17.

Fernanda Weber vêm atuando em Porto Alegre e região metropolitana há cerca de um ano, mas não trabalha em um local específico. Ela é jovem – tem apenas 21 anos, mas desenha desde criança. Foi por influência dos amigos, que viam seus desenhos, que buscou se aproximar da tatuagem. A escolha de alguém que não trabalha no mesmo local dos outros profissionais e que esteja há pouco tempo na área se justifica pela necessidade de diferenciar a produção da tatuagem de acordo com um razoável intervalo de tempo em um mesmo espaço de atuação, mas sob variadas visões.

Imagem 4 – Fernanda Weber



Fonte: Perfil de Fernanda no *Facebook*¹²

Edu Demingo tem 55 anos, e desde bem pequeno demonstrou interesse por desenho e por tudo aquilo referente à tatuagem que eventualmente cruzasse seu caminho. Quando começou a tatuar? Edu tem uma resposta certa: 1976, no dia 12 de fevereiro. Já foi chefe de estúdios com grandes equipes, e hoje é proprietário de um estúdio privado, onde trabalha sozinho com a intenção de focar totalmente em sua

¹² Disponível em <<https://www.facebook.com/fernanda.weber.568>>. Acesso em 10/11/17.

produção.

Imagem 5 – Eduardo “Edu Tattoo” Demingo



Fonte: Perfil de Edu no *Facebook*¹³

Leandro “Bola” Fleck conta que, quando criança, ficava no canto do balcão do comércio de seus pais desenhando. Hoje tem 45 anos e é proprietário de um estúdio privado em Canoas, mas já teve outras lojas no centro de Porto Alegre. Quando tinha 17 anos, adquiriu um equipamento de tatuagem de um vizinho que queria se desfazer de seu material. Aí começa sua carreira, em casa, tatuando seus amigos e em seguida abrindo seu primeiro estúdio.

¹³ Disponível em <<https://www.facebook.com/edutattoo.tatuagensartisticas/>>. Acesso em 10/11/17.

Imagem 6 – Leandro “Bola Tattoo” Fleck



Fonte: Perfil de Bola no Facebook¹⁴

4 QUEM MARCA A CIDADE

Todas as entrevistas realizadas com os tatuadores seguiram um roteiro básico comum, buscando contemplar as principais questões e temas a serem abordados no trabalho. No entanto, considerando as particularidades das vivências e experiências de cada profissional, busquei adequar as perguntas de acordo às realidades encontradas. A estrutura se manteve, com a inclusão ou supressão de perguntas conforme o que já conhecia da história de cada um, além de algumas informações encontradas em redes sociais. Os roteiros das entrevistas podem ser encontrados nos Apêndices 1 a 5 deste trabalho.

4.1 Relações

Ainda que cada pessoa seja individual e construa sua identidade ao longo dos anos de acordo com suas vivências e influências, todos os tatuadores aqui têm algo em comum: o interesse artístico existe desde a infância. As lembranças variam, as idades também: as primeiras lembranças de Edu são de carnavais, quando ainda era bem pequeno, e de ganhar um concurso de desenho realizado pela empresa onde o pai trabalhava. Nilton comenta que o gosto por diferentes tipos de arte sempre foi

¹⁴ Disponível em <<https://www.facebook.com/bolatattoostudio>>. Acesso em 10/11/17.

incentivado pela família

[...] E eu sempre gostei muito de desenhar e minha vó me incentivava muito pro desenho e tal, sempre gostei de ver filme clássico, de imagem mais clássica, grandes telas, grandes quadros, sempre me chamou muita atenção desde criança [...] (NILTON, 2017, inf. verbal)

Além do incentivo familiar, todos citam outro apoio muito importante: os amigos. Desenhar com os amigos, desenhar *nos* amigos, ou ser influenciado a buscar a tatuagem propriamente dita em estúdios já estabelecidos; esse é o caso de Fernanda, que por insistência de alguns buscou um estúdio onde pudesse acompanhar os trabalhos e conhecer mais sobre o dia-a-dia da tatuagem. Já os tatuadores mais velhos, em consequência das ‘dificuldades’ que a tatuagem enfrentava na sociedade décadas atrás, iniciaram de maneira diferente. Bola comprou o equipamento de um vizinho que queria se desfazer de tudo pois iria se mudar para outro estado, e então lhe ofereceu. Adolescente, Verani montou sua primeira máquina em casa para começar a tatuar. É o mesmo caso de Edu, que com sua máquina caseira realizou seu primeiro trabalho elétrico em si mesmo – antes disso já havia tatuado amigos e namoradas de maneira caseira¹⁵. Edu ainda conta, com nostalgia, que possui duas tatuagens de Lucky Tattoo¹⁶, a primeira delas feita em uma fuga de casa até São Paulo, especialmente para isso.

Todos os tatuadores com quem conversei são autodidatas, tanto no desenho quanto na tatuagem. Outro ponto em comum é que todos, com exceção de Fernanda, se dedicaram apenas à tatuagem desde jovens. Hoje ela é estudante de História, mas em nossa conversa disse que não sabe muito bem como chegou lá e nem se vai continuar. Nilton iniciou uma graduação em design, mas acabou desistindo por não se identificar com o curso. Edu, com o passar dos anos de trabalho, realizou alguns cursos de desenho para se aperfeiçoar e Bola, que já participou de alguns cursos de amigos, eventualmente ministra workshops de caligrafia – que aprendeu sozinho.

Em outros locais do mundo, no entanto, é comum que tatuadores tenham

¹⁵ Ainda realizada hoje em dia, porém em menor escala e sem a intenção de reconhecimento artístico. Amarram-se agulhas de costura (em geral três), que são mergulhadas na tinta ou nanquim escolar e inseridas na pele, até que o desenho esteja finalizado. Técnica ainda utilizada por presos, por exemplo.

¹⁶ Knud Harald Likke Gregersen de batismo, mas *Mr. Tattoo* ou *Lucky Tattoo* nas ruas. Dinamarquês que desembarcou no Porto de Santos/SP do dia 20/07/1959, aos 30 anos. Teve estúdios em Santos, Itanhaém e Arraial do Cabo/RJ. Faleceu em dezembro de 1983. Foi o primeiro tatuador reconhecido como profissional no Brasil (MARQUES, 1997).

alguma formação acadêmica, e em muitas das vezes essa formação está de alguma forma ligada ao campo artístico. Ferreira (2012; 2013) trabalha com a tatuagem em Portugal, e em alguns de seus trabalhos menciona a formação dos tatuadores daquele país: licenciatura em design, licenciatura em estilismo, bacharelado em design gráfico, graduação em ilustração são alguns dos exemplos que estão inseridos nas artes, mas ainda há aqueles mais “distantes”, graduados em áreas tecnológicas e de esporte, por exemplo. Ainda assim, mesmo lá há muitos profissionais que também não possuem ensino universitário, assim como os entrevistados. O apreço pelas artes e o estudo de suas diversas formas por aqueles que tatuam sinalizam a proximidade da tatuagem com o campo, e a entrada e presença dela nesse meio. Mais à frente esse tema será abordado novamente.

Na época em que os tatuadores mais antigos iniciaram, ser um “profissional da tatuagem” não era algo comum, não se pensava muito em como seria o futuro. Tatuadores profissionais eram aqueles que tinham lojas (estúdios), que chegaram a isso por deixarem as coisas irem acontecendo e tomando seu próprio rumo. Houve o tempo em que se tatuava na rua, seguido por tatuar em casa, na casa dos amigos ou estúdios improvisados. Só então se chegava à possibilidade de montar uma loja própria.

Edu, Bola e Verani são tatuadores-empresários. São grandes nomes da tatuagem, reconhecidos, e que têm ou já tiveram a companhia de outros grandes tatuadores ao longo de suas carreiras. Depois de algumas lojas em diferentes cidades, Bola tatua hoje em um estúdio em Canoas/RS, cidade onde nasceu e mora atualmente. Trabalha sozinho e apenas com hora marcada, mesmo que a loja se localize de frente para a rua (que é bastante movimentada). A decoração mistura elementos *vintage* com toques artísticos, contando com desenhos emoldurados e troféus de convenções espalhados pelas paredes.

Imagem 8 – Carimbos colados na porta - Detalhe da loja de Edu



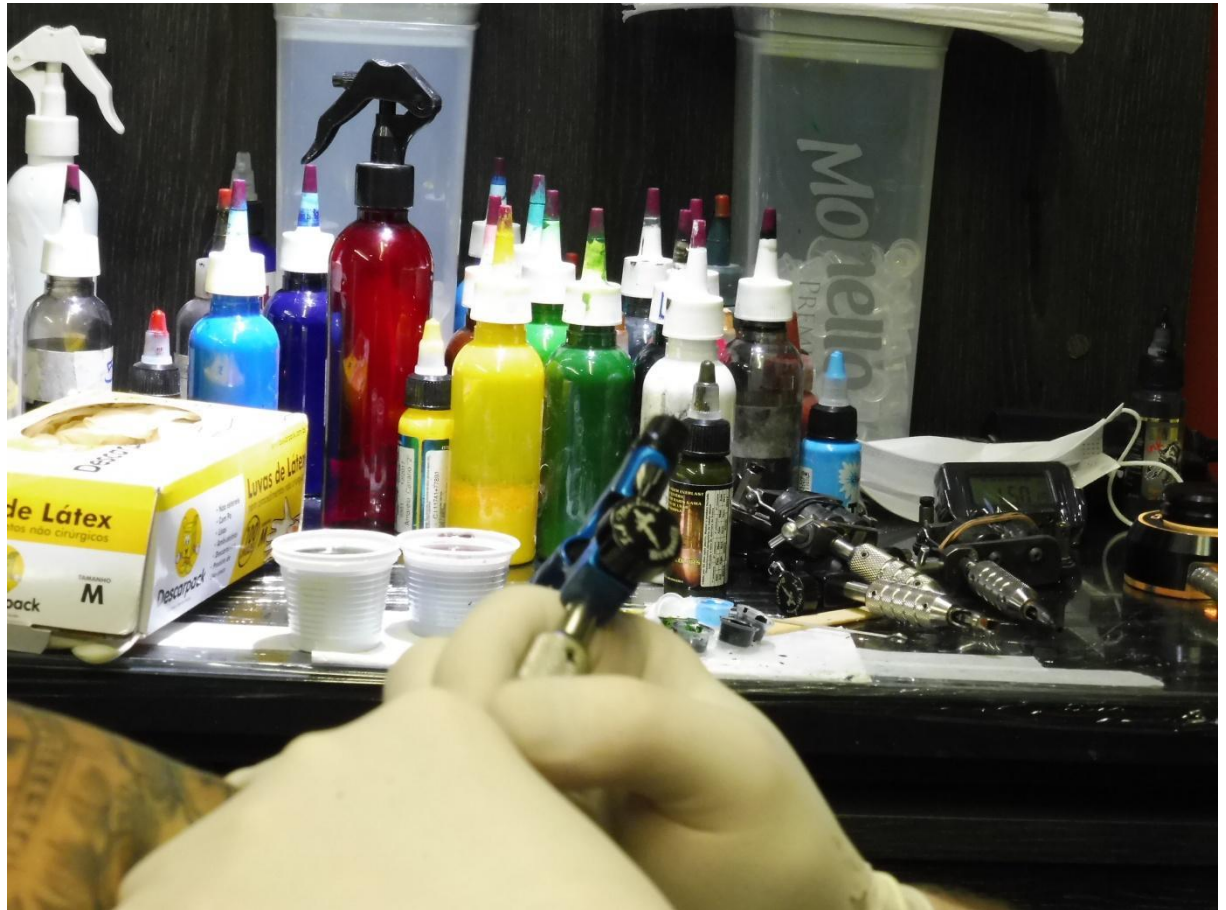
Fonte: A autora, 2017.

Os estúdios de Verani se diferenciam pela localização – ambos no centro de Porto Alegre – e pela configuração – 15 tatuadores¹⁷, além dele, divididos em salas entre as duas lojas. A decoração geral é simples e discreta, com muitos prêmios espalhados pelas paredes e estantes. Cada tatuador tem sua “estação de trabalho” e é responsável por ela, que conta com bancada, armário, maca e cadeira, em geral, e é decorada de acordo com gostos pessoais. A forma de organização depende de cada profissional: Nilton, por exemplo, é extremamente organizado com seus materiais. Cada objeto tem seu local na bancada, e no pequeno armário de materiais os tubos

¹⁷ De acordo com o site <<http://www.veranitatattoo.com.br/>>. Acesso em 17/11/2017.

de tintas ficam perfeitamente organizados. A bancada de Verani estava em uso quando o entrevistei – ele estava tatuando uma cliente. Todo o material necessário estava disposto sobre a mesa enquanto ele trabalhava: tintas, luvas, água, álcool, papel toalha e diferentes máquinas.

Imagem 9 – Bancada de Verani durante um trabalho



Fonte: A autora, 2017.

Vários trabalhos (OSÓRIO, 2006; FERREIRA, 2012a; COSTA, 2004; OLIVEIRA, 2012a) comentam sobre a relação mestre-aprendiz que ocorre entre os tatuadores experientes e os iniciantes. Mesmo nos programas de televisão estrangeiros que mostram o dia a dia dos estúdios é frequente encontrar essa relação. Os iniciantes passam seus dias no estúdio, fazendo as atividades que lhes são solicitadas (limpar o estúdio ou as estações de trabalho, por exemplo) em troca da convivência com profissionais reconhecidos e do aprendizado gerado por esse contato. No entanto, essa prática não é muito comum no Brasil (ou, pelo menos, em Porto Alegre), pois há quem acredite que isso seria como “formar a concorrência”. Verani foi bastante franco quanto a isso: já teve aprendizes em suas lojas, e diz que

vários deles se transformaram em ótimos profissionais, porém não é costume estabelecer essa relação. Em decorrência da qualidade da equipe “nem todos que chegam aqui têm condições de ficar com o nível do pessoal que já trabalha com a gente” (VERANI, 2017). Ainda assim, ele comenta que eventualmente recebe alguém que queira acompanhar um dia de trabalho, e salienta que sua equipe é bastante aberta a conversar com quem tenha interesse na área.

[...] Todos os tatuadores da loja são de fácil acesso assim, ninguém esconde nada porque todo mundo teve que perguntar pra evoluir, então... Todo mundo sabe as dificuldades que tem. (VERANI, 2017, inf. verbal)

Entre os entrevistados, nenhum foi aprendiz quando decidiu entrar na tatuagem, mesmo porque nos idos dos anos 1980, aquele que ensinasse aos interessados estaria *de fato* formando a concorrência, dada a pouca disponibilidade de tatuadores. Quem chegou mais próximo dessa relação foi Nilton, que pagou para receber as indicações básicas, e Fernanda, que acompanhou alguns trabalhos em um estúdio. Independentemente disso, Nilton diz que o dia a dia no estúdio ao lado de seus colegas é sempre um aprendizado, onde as trocas de conhecimento e experiências estão sempre acontecendo.

Como já mencionado anteriormente, é impossível saber em que momento da história a tatuagem surgiu, mas alguns de seus usos passados são conhecidos. Ritos de passagem são os mais comuns, mas há também rituais de fertilidade e de cura, e ainda significações específicas dentro de diferentes comunidades. A maior significação da tatuagem contemporânea é estética e não mais ritual, mas isso não a desvaloriza, pois ainda pode ser vinculada a significados de uma comunidade. LeBreton (2003, p.38) diz que “a tatuagem tem, dessa maneira, valor de identidade; expressa, no próprio âmago da carne, o pertencer do sujeito ao grupo.”

Os tatuados, no entanto, não formam um grupo social único, pois não apresentam uma cultura comum: fazem parte de diferentes grupos, com características que podem se assemelhar. É possível (e frequente) ser tatuado e “não saber como esse universo funciona, quais são seus valores, suas crenças, suas hierarquias” (OSÓRIO, 2006, p.4). A identificação ocorre por meio da combinação de semelhanças e diferenças. A singularidade e individualidade resultantes de ter uma tatuagem (e da tatuagem em si) afasta o tatuado de um grupo e o aproxima de outro, e isso resulta na “construção e afirmação de uma identidade, construída nas relações

sociais” (PEREIRA, 2016, p.109).

Quando se menciona o termo “modificações corporais”, em geral o que vêm à mente são tatuagens e *piercings*, alterações que são tidas como visualmente agressivas. Devemos considerar, porém, que há inúmeras modificações corporais inseridas no cotidiano da sociedade: cirurgias plásticas, dietas, bronzamento, cortes de cabelo e até mesmo pintar as unhas. Todas essas práticas de diferenciação são parte da formação da identidade de um indivíduo, ao lado da tatuagem. Conforme Gómez (2014, p.39) “há uma construção de identidade por meio da ‘fabricação’ do corpo”. O tatuado constrói sua imagem e seu eu se diferenciando de todos e de si mesmo, sendo “inconstante e mutante. A condição de ser dá lugar a de estar” (GÓMEZ, 2014, p.39). Essas (e outras) identidades, segundo Bauman (2004), existem para serem usadas e exibidas. A inconstância disso é fundamental, pois identidades rígidas e inegociáveis já não funcionam atualmente.

O Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.1863) apresenta como “tradição”

s.f. **1** ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência **2** comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos costumes etc. de geração para geração **3** herança cultural, legado de crenças, técnicas etc. de uma geração para outra [...]

Para os entrevistados, não há uma tradição que acompanhe a tatuagem no Brasil, porém acredito que ela própria seja uma tradição, já que não há ensino formal da prática. Ainda que não na forma de mestre-aprendiz, os conhecimentos relativos à prática de tatuar são transferidos de pessoa para pessoa, seja no dia a dia de um estúdio ou em aulas de um *worshop*, por exemplo. O fato de tatuadores e tatuadoras não identificarem uma tradição reflete o fato de esse não ser o foco de suas escolhas e atitudes. .

4.2 Preservação

Para Mensch (1994, p. 5), citando A. M. Razgon, a Museologia é

uma ciência social que se ocupa dos processos e leis relativos à preservação da informação social, bem como à transferência de conhecimento e emoções por meio dos objetos museológicos [...].

Desvallées e Mairesse (2013, p. 22) apresentam três funções básicas dos museus e da Museologia, baseados na Reinwardt Academie de Amsterdam, sendo

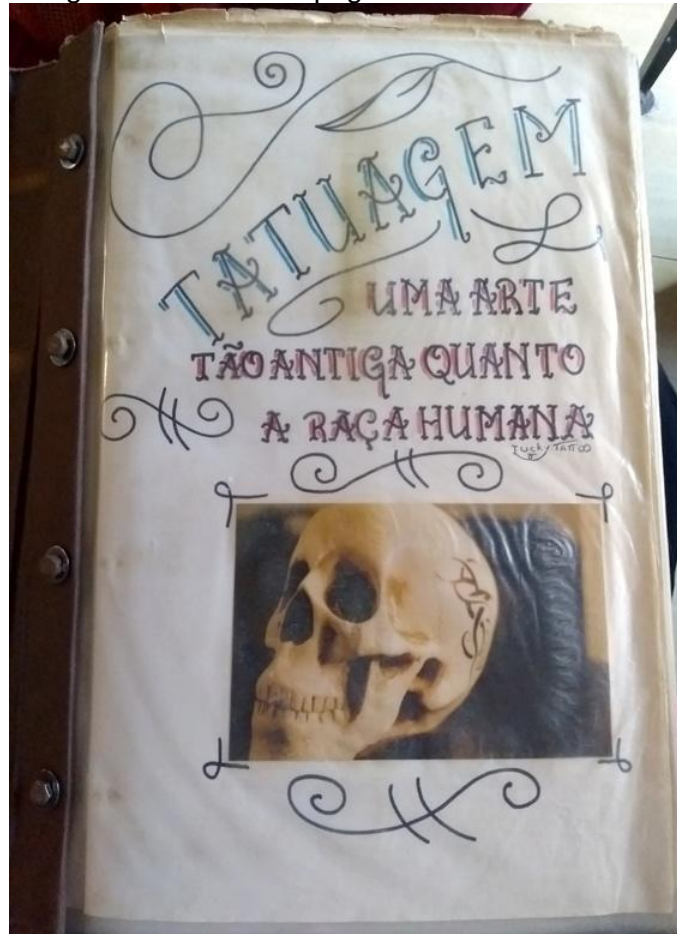
elas a preservação, a pesquisa e a comunicação. Por essa razão, já que ao longo da graduação somos ensinados a respeito da importância dessa ação, questionei os entrevistados se é usual no dia a dia da profissão que seus trabalhos sejam registrados ou preservados de alguma forma. Nilton, por exemplo, é bastante organizado com seus trabalhos, e se utiliza daquilo que já fez para estudar e evoluir. Por considerar cada trabalho único e identificar seu envolvimento no processo, ele preserva grande parte de sua produção. Os trabalhos que mais teve apreço em criar estão todos guardados, finalizados a caneta e suas artes seguem a organização que se nota na bancada: estão separadas por “categorias” (caligrafia, finalizados a caneta, pintura e *sketch*¹⁸).

Bola diz que guarda cerca de 80% de toda sua produção: o que não está guardado foi perdido em decorrência de suas viagens. E essa preservação tem um motivo nobre: deixar para seus filhos o registro daquilo que realizou ao longo de sua carreira. No entanto, não há uma organização da produção: os trabalhos não estão separados por categorias ou estilos, estão apenas acumulados.

Edu me surpreendeu durante a entrevista: ao ser questionado sobre a preservação de seu trabalho, ele levantou da cadeira e buscou algo em sua estante de livros. Me alcançou uma pasta de capa dura, e ao abri-la encontrei o registro fotográfico e de detalhes de suas tatuagens dos anos 90 (vários outros álbuns semelhantes estavam dispostos na estante). Ao lado da foto de cada tatuagem, o nome do tatuado, a data em que a tatuagem foi realizada, a máquina utilizada e a cidade em que o trabalho foi realizado. Além dos álbuns, entrou em outra sala e apareceu na porta com uma enorme pilha de desenhos ainda não organizados nas mãos.

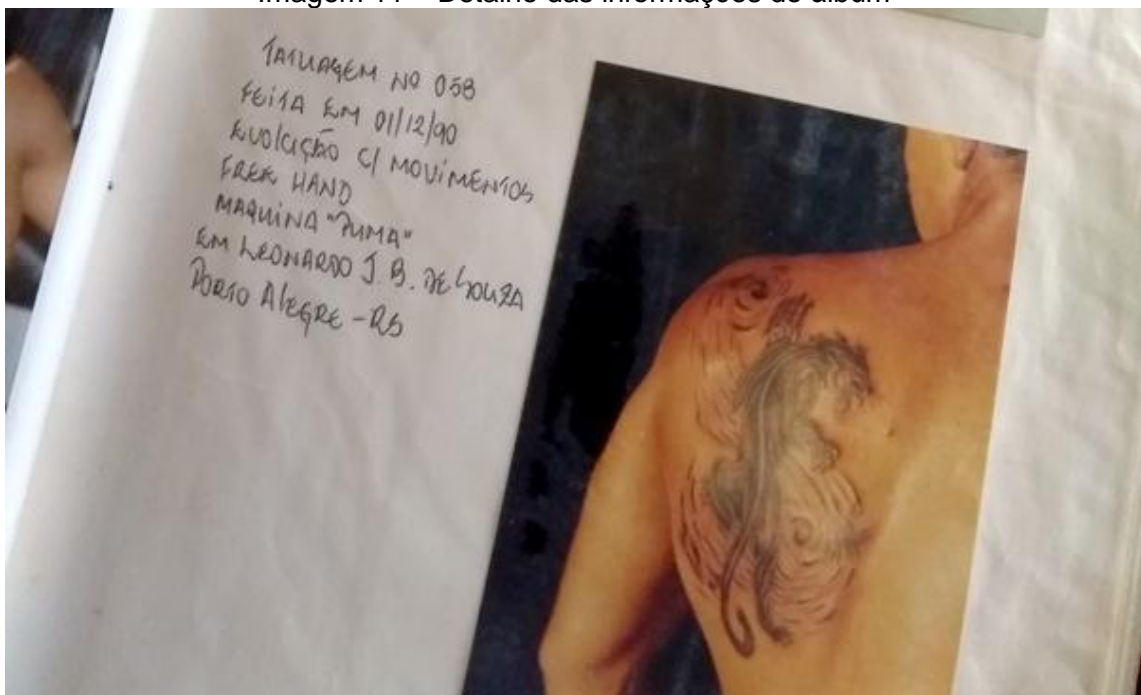
¹⁸ Desenho não finalizado, rabiscado; esboço.

Imagem 10 – Primeira página de um álbum de Edu



Fonte: A autora, 2017.

Imagem 11 – Detalhe das informações do álbum



Fonte: A autora, 2017.

Atualmente, com a utilização das redes sociais para divulgação dos trabalhos, é frequente o registro fotográfico das tattoos finalizadas para que sejam apresentadas aos futuros clientes, e também para análise pessoal da produção, porém não são todos os trabalhos que são registrados. Em geral, apenas as artes autorais são fotografadas e divulgadas. Leitão (2004, p.19), contudo, comenta a fala de um tatuador americano quando diz que “é apenas depois de ser fotografada que a tatuagem se concretiza verdadeiramente”. Afinal, é um trabalho que vai morrer junto com o corpo daquele que a possui.

Há alguns poucos museus da tatuagem espalhados pelo mundo. Um deles está em São Paulo e pode ser visitado mediante agendamento. Seu acervo foi construído a partir da coleção particular de um tatuador, com mais de 500 itens que representam a história da tatuagem no país¹⁹, e o próprio museu faz parte do estúdio onde ele trabalha atualmente. A história da tatuagem também é trabalhada em um museu na cidade de Largo, Flórida/EUA²⁰ e em Liverpool/UK²¹ com coleções particulares abertas ao público.

Considerando os relatos das entrevistas e o que conheço da vivência em estúdios, acredito que a prática, tão antiga e diversa, poderia ser registrada mais cuidadosamente por aqueles que a vivenciam. Edu e Bola são exceções à regra de não manter registros significativos daquilo que fazem. Não é comum encontrarmos disponíveis os trabalhos e histórias de tatuadores que já não estão mais no meio. Os estudos sobre tatuagem são variados atualmente, mas poderiam ser ainda mais, caso trabalhos e histórias não se perdessem com o passar do tempo, pela falta de interesse de manter isso arquivado. Mesmo a forma como a tatuagem e a profissão do tatuador são vistos na sociedade poderiam ser mais abertas caso essa trajetória fosse contada de forma satisfatória. Ghizoni (2016, p. 14) comenta que “há muito material sobre o início da tatuagem profissional no Brasil, mas extremamente pouco sobre seu desenvolvimento, principalmente entre as décadas de 70, 80 e 90”. O próprio público

¹⁹ MORÉ, Carol T. **Conheça o museu da tatuagem em São Paulo**. Disponível em: <<http://followthecolours.com.br/tattoo-friday/tattoofriday-conheca-o-museu-da-tatuagem-em-sao-paulo/>>. Acesso em 30/10/17; LIMA, Nara de. **Museu Tattoo Brasil**. Disponível em: <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/2886-museu-da-tatuagem>>. Acesso em 30/11/17.

²⁰ Disponível em: <<http://www.lstattoomuseum.com/>>. Acesso em 27/11/2017.

²¹ Disponível em: <<http://www.tattoomuseum.co.uk/>>. Acesso em 27/11/2017.

da tatuagem não costuma saber as origens do que estão buscando.

Entretanto, alguns detalhes dessa trajetória mundial (que influenciaram diretamente a trajetória local) são registrados. Por exemplo: Sanders (2008, p.17) diz que, no ano de 1876, Thomas Edison patenteou uma espécie de caneta elétrica, utilizada para diversos fins – a tatuagem foi um dos usos encontrados para esse objeto. Em 1891, Samuel O'Reilly realizou algumas alterações na caneta elétrica criada anteriormente, e a chamou de “tattaugraph”²². Foi a criação da primeira máquina profissional de tatuagem. No ano de 1904, Charlie Wagner modificou o tatuógrafo, resultando em uma máquina similar às usadas atualmente. Isso diminuiu a dor do processo, reduziu o tempo e facilitou a melhora dos detalhes e sombreamentos dos trabalhos (FISHER, 2002).

Essas informações são importantes por uma razão: mesmo havendo um equipamento próprio para tatuar de forma “moderna” desde o início do século XX, até por volta dos anos de 1980 era praticamente impossível encontrar esse material no Brasil – logo, também em Porto Alegre. Os tatuadores trabalhavam em geral de forma artesanal/manual, e, se houvesse interesse em aprimorar suas técnicas, precisavam montar seu próprio equipamento. Edu tatuou de forma manual até conseguir montar sua primeira máquina, em casa: ele utilizou um motor de barbeador para criar seu equipamento. Verani utilizou um motor de ferrorama para montar sua primeira máquina.

Atualmente, com a facilidade em adquirir o equipamento profissional por meios como a internet, são poucos os tatuadores que detêm conhecimento para montar suas máquinas, mas Bola e Nilton, que não precisaram se utilizar desse material caseiro no início de suas carreiras, garantem que caso fosse necessário, teriam a habilidade e o conhecimento para montar seus equipamentos pois, afinal, o princípio segue sendo o mesmo.

²² Ou “tatuógrafo”, em português.

Imagem 12 – Primeira máquina caseira de Edu



Fonte: A autora, 2017.

4.3 Arte

É comum nos referirmos à tatuagem como arte e ao tatuador como artista – assim como venho fazendo ao longo deste trabalho - mas o que os próprios tatuadores e tatuadoras pensam sobre isso? Como eles enxergam sua produção? Trago aqui, como já feito anteriormente, as definições de “arte” e “artista” presentes no dicionário, para servirem de guia às reflexões. Segundo o dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009)

Arte s.f. 1 habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de forma consciente, controlada e racional [...] 8 perfeição, esmero técnico na elaboração; requinte [...] 12 produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana [...] 15 obra humana, de funções práticas ou mágicas, e posteriormente considerada bela, sugestiva (p.195)

Artista s. 2g 1 aquele que cultiva as belas-artes 2 aquele que

tem habilidade ou vocação artística [...] 5 aquele que é exímio no desempenho de seu ofício 6 operário ou artesão que trabalha em determinados ofícios; artífice (p.197)

Todos os entrevistados se veem como artistas, produtores de arte. Nilton, por exemplo, comenta que acredita nisso, pois coloca um pouco de si em cada trabalho que produz. Além disso, ele acredita que o fato de a tatuagem gerar reações (sejam quais forem, boas ou ruins) naqueles que as possuem e naqueles que as veem a legitima como arte. Edu comenta que o aprendizado constante faz dele um artista. Bola acredita que tudo aquilo feito com esmero e vontade pode vir a ser considerado arte, logo, a tatuagem também. Fernanda responde fácil: “Se é arte no papel porque que não pode ser na pele?” (FERNANDA, 2017). Fischer (1959, p. 12) pergunta se “poderá a função da arte ser resumida a uma única fórmula?” A tatuagem é a prova de que não, essa fórmula não existe.

Pereira (2013) nos lembra de que a arte não é a mesma coisa em diferentes locais; ela varia entre culturas e mesmo de indivíduo para indivíduo. No entanto, muitos autores que já trabalharam a tatuagem (COSTA, 2004; OLIVEIRA, 2012a; PEREIRA, 2016) comentam que não é qualquer tatuagem que pode ser considerada arte. Em muitos locais, e na fala de muitos tatuadores, há uma diferenciação entre as tatuagens artísticas e as tatuagens comerciais. As tatuagens artísticas seriam aquelas criadas a partir do esforço do tatuador para gerar algo com significado para o cliente, sendo um trabalho original e exclusivo, enquanto as tatuagens comerciais seriam os desenhos prontos, retirados de catálogos, da moda ou copiados de pessoas famosas, não tendo um significado mais profundo. Logo, o ser um artista enquanto tatuador dependeria do tipo de produção realizada; “o ser artista depende de sua reputação individual” (OLIVEIRA, 2012a, p. 33).

Fischer (1959) diz que “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente”. Essa magia da arte se mistura com o encanto da tatuagem. É algo que ajuda a compreender e suportar a realidade, além de transformá-la, tornando-a mais humana. A arte e, em conjunto, a tatuagem, “se origina de uma necessidade coletiva” (FISCHER, p. 75).

Tatuadores em geral costumam ser comparados a pintores, fazendo da pele do cliente suas telas, e essa valorização vêm acontecendo pouco a pouco e cada vez

mais, legitimando a produção e desvinculando-a de estereótipos negativos que ainda existem (PEREIRA, 2016). Sanders (1988, apud LEBRETON, 2004, p.119) afirma que “possuir a obra de um tal artista em si ‘seria o equivalente a possuir um Picasso numa outra esfera artística’”. Mais: tatuar-se seria “a tentação de fazer do seu corpo um museu ou uma sala de exposição para uso íntimo” (LEBRETON, 2004, p. 119). Cada tatuador acaba estabelecendo seu próprio estilo de tatuar, tendo um traço único. Esse traço é o que podemos chamar de “assinatura” (COSTA, 2004), que muitas vezes faz o trabalho se diferenciar de outros profissionais e dá a singularidade do tatuador.

Entretanto, a tatuagem não está presente apenas no corpo-museu de LeBreton. Além de obviamente estar exposta nos museus de tatuagem comentados anteriormente, a tatuagem artística também pode ser eventualmente encontrada em museus e galerias de arte, ou até em coleções de outras tipologias de museus. O Museu de Patologia da Universidade de Tóquio possui uma coleção de mais de cem peças de peles humanas tatuadas no estilo tradicional oriental²³. Já pelo viés artístico, aconteceu na Alemanha no ano de 2015 uma exposição que tratava a tatuagem como arte, exibindo fotografias, vídeos e telas referentes à prática²⁴. Tim Steiner, suíço, teve suas costas cobertas por uma tatuagem do artista Wim Delvoye. O que o difere, aqui, é o fato de que sua pele foi vendida – ainda em vida - para um colecionador que irá emoldurar a pele tatuada quando o tatuado morrer. Até que isso aconteça, ele é convidado a exibir a arte em inúmeros museus, por várias temporadas²⁵. Mesmo em suportes que não a pele, a tatuagem também é representada. Uma marca de jeans convidou tatuadores brasileiros a criarem estampas no estilo de tatuagens para algumas de suas peças, que foram expostas e vendidas em um estúdio de São Paulo²⁶, e em Londrina, no ano de 2011, uma exposição transformou o “espaço

²³ OLIVEIRA, Niara de. **Coleção de peles tatuadas**. Disponível em: <<https://www.mundodastatuagens.com.br/blog/2014/02/colecao-de-peles-tatuadas/>>. Acesso em 04/12/2017.

²⁴ MACDONALD, Fiona. **Tattoos: 150 years of body art**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/culture/story/20150313-high-societys-hidden-tattoos>>. Acesso em: 04/12/2017.

²⁵ OLIVEIRA, Niara de. **Suíço vendeu a pele das costas para virar obra de arte**. Disponível em: <<https://www.mundodastatuagens.com.br/blog/2017/02/suico-vendeu-pele-das-costas-para- virar-obra-de-arte/>>. Acesso em: 04/12/2017; HOOTON, Christopher. **Man sells his tattooed skin to art collector who will have him flayed when he dies**. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/art/news/wim-delvoye-tattoo-skin-back-tim-steiner-rik-reinking-art-a7560936.html>>. Acesso em 04/12/2017.

²⁶ **LEVI'S e tatuadores do estúdio BlackBallCrew customizam jaquetas. O resultado virou exposição!**. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Moda/noticia/2017/06/levis-convida-tatuadores-para-customizar-jaquetas-e-o-resultado- virou-exposicao.html>>. Acesso em: 04/12/2017.

expositivo em corpo, onde os artistas pudessem tatuar” (GUSSO, 2016).

4.4 Gênero

Ser mulher não é fácil, e ser mulher num campo ainda tão masculinizado como o da tatuagem tem o dobro de desafios. Fernanda foi a única mulher entrevistada para essa pesquisa – e as razões para isso serão abordadas, mas suas vivências deixam claras algumas das dificuldades. Ela também é bastante jovem – o que configura mais um peso na conta das dificuldades.

Conforme comenta Ferreira (2012a, p. 44), por muito tempo a tatuagem esteve “ligada aos valores culturais que são associados à masculinidade”, como “resistência à dor, coragem e força física” (FERREIRA, 2012a), pois no passado era uma atividade de universos masculinos e informais, como os portos por exemplo. Mulheres tatuadas foram, por muito tempo, tidas como prostitutas ou, no máximo, artistas circenses. Isso começou a se alterar com a modificação das relações de gênero socialmente construídas, quando mulheres se apropriaram da prática pela questão estética. Ainda assim, algumas diferenças seguem, seja com relação aos trabalhos realizados (local do corpo, tamanho, cores, motivos etc), seja com relação ao meio profissional. Muitas vezes a presença feminina nos estúdios é limitada às salas de recepção.

Em 1980 foi aberta a primeira loja moderna de tatuagem da cidade do Rio de Janeiro. Essa informação é relevante pois foi o primeiro estúdio de propriedade de uma mulher tatuadora no Brasil (MARQUES, 1997; LEITÃO, 2004). Em Porto Alegre, atualmente, são pouquíssimos os estúdios de propriedade de mulheres, ainda que muitos deles as tenham como artistas. Perguntei à Fernanda como é ser mulher e iniciante na área e a resposta foi rápida: “é horrível”. Desde ter seus desenhos e trabalhos menosprezados por tatuadores homens a ser assediada virtualmente, ela comenta que por muitas vezes foi e é tratada pelos colegas com inferioridade.

As diferenças entre mulheres e homens na hora de receber uma tatuagem variam: eles prefeririam tatuagens grandes em locais aparentes do corpo, como braços, enquanto elas se contentariam com pequenos desenhos que possam ser escondidos, como na nuca. Elas fariam desenhos delicados e coloridos, que transpassam sensualidade, enquanto eles escolheriam temas agressivos ou tribais,

ligados à força e à virilidade. Essas informações são trazidas por autores como Ferreira (2012) e Osório (2006), e há algo mais em que todos os autores concordam: o público da tatuagem aumenta com o passar dos anos, e vêm sendo majoritariamente feminino.

As pesquisas disponíveis abordam os temas relacionados à clientela da tatuagem, aqueles que a consomem independentemente da motivação, mas as profissionais da área não são mencionadas. Nas entrevistas que realizei, questionei se os tatuadores acreditavam em diferenças entre os trabalhos realizados por homens e mulheres, e as respostas foram semelhantes: sendo bons no que fazem, não há distinção. Apesar disso, foi comentada certa tendência das tatuadoras por realizar tattoos de traços finos e delicados. Outra questão é a preferência das clientes: vêm crescendo a procura de tatuadoras pelas clientes mulheres, pois muitas não se sentem à vontade de realizar os trabalhos com tatuadores homens.

Este é um rápido esboço sobre este tema, que ainda pode ser muito explorado por inúmeras áreas de conhecimento. É um campo muito fértil, mas aqui apresentado rapidamente por não ser o foco do trabalho. Ainda assim, acredito na importância dessa menção, principalmente se considerarmos a forte e fundamental presença da mulher na sociedade.

4.5 Reconhecimento

Todos os entrevistados têm algo em comum: a certeza de que a tatuagem, hoje, está completamente integrada na sociedade, seja em Porto Alegre ou em qualquer outro lugar do Brasil, e independentemente da atribuição que lhe é dada. Claro, eventualmente aparecerão pessoas que ainda não se sentem confortáveis com a arte, mas são a minoria. Ainda assim, não é clara a posição ocupada pela tatuagem atualmente (DELUCA, 2015).

Gómez (2014) comenta que a profissionalização da tatuagem no Brasil ocorreu por volta dos anos 1980, mas somente nos anos 1990 o processo se tornou como é hoje, com instrumentação moderna, higienização, maior qualidade artística e profissionalismo. Essa profissionalização foi fundamental para o reconhecimento da

prática como artística, e não mais como marginal. Se alteraram o tipo de usuário, o perfil do tatuador e o caráter da tatuagem (PÉREZ apud OLIVEIRA, 2012a). Há quatro tatuadores que participaram e foram fundamentais nessas mudanças na cidade de Porto Alegre: Frank e Edu (primeira geração) e Lagarto e Verani (segunda geração) (DELUCA, 2015).

O reconhecimento do tatuador não tem a ver com educação formal ou certificados. Ele se dá pelo nome construído ao longo da carreira, através do estilo com que se trabalha, da qualidade artística de suas produções, da qualidade de seu atendimento, e até mesmo por meio dos locais onde já se trabalhou ou dos colegas que se teve, nem sempre tendo relação com o tempo na área. Esses pontos sinalizam a tatuagem como um campo de Bourdieu. Há quem busque os tatuadores sem ter uma ideia específica de trabalho a fazer: querem simplesmente ter uma obra daquele artista em sua pele. Os entrevistados mais antigos comentaram, ainda, que com certa frequência são procurados e elogiados por outros tatuadores, e isso é considerado uma grande forma de reconhecimento, ser admirado pelos semelhantes.

A internet e a mídia vêm tendo um papel importante na aceitação da tatuagem e, conseqüentemente em seu reconhecimento. Basta ligar a televisão, abrir uma revista ou qualquer página *online* para encontrar corpos tatuados, de famosos e anônimos. Isso não é um incentivo para que as pessoas se tatuem, mas deixa explícita a normalidade dessa escolha no dia a dia: não há diferença entre o cantor ou ator tatuado famoso e os filhos, netos e primos que temos na família ou os colegas de trabalho e faculdade. Não importa a idade, cada vez mais encontramos pessoas se dirigindo aos estúdios para fazer sua primeira tatuagem.

Mesmo com tantas transformações na sociedade e maior reconhecimento da prática da tatuagem como arte, ainda há questões no campo que precisam de atenção. A questão da preservação, do reconhecimento ou mesmo da aprendizagem da prática são aspectos que precisam ser estudados, em contextos locais e mundiais. O mundo da tatuagem sempre esteve e sempre estará em mudança, porém a academia ainda se mantém distante deste processo, não considerando todo o valor que o cerca.

5 A MARCA EM MIM

A tatuagem, uma marca que já serviu para afastar as pessoas e distingui-las negativamente no convívio social, com esse trabalho se fixa em mim além da pele. O preconceito já é menor do que em outros tempos, e uma bela arte é reconhecida quando exibida – seja na pele, num quadro ou em um museu. A atividade que já foi precária, feita de qualquer jeito, hoje costuma acontecer de forma impecável, sustentando famílias.

Os tatuadores porto-alegrenses são formados como profissionais através de seu querer e da boa-vontade dos futuros colegas; não há nenhum tipo de educação formal que os ensine como proceder e reagir diante das situações do dia a dia; esse tipo de formação segue o padrão encontrado em grande parte dos estúdios espalhados pelo Brasil. A produção da tatuagem propriamente dita sofreu, em Porto Alegre, as mesmas mudanças que em outros locais; a diferença fica por conta da questão material que, por ser majoritariamente importada décadas atrás, levava muito tempo para ser alterada e aperfeiçoada – assim como no restante do país.

Atualmente, a questão técnica da tatuagem, ao menos entre os entrevistados, não apresenta grandes diferenças no que diz respeito à diferença de idade ou de experiência. O que varia, no entanto, são os estilos – de desenho, de pensar, de ser e agir. Todos são muito próximos da arte e do desenho, e têm a tatuagem como um estilo de vida. Não se veem longe da arte. A identidade e identificação entre os semelhantes existe e é evidente. Apesar disso, em comparação com os tempos passados, a prática sofreu grandes mudanças – para melhor, que influenciam positivamente a visão sobre o campo hoje.

Algo que fica muito claro com essa pesquisa é a necessidade de preservar a história dos profissionais, da profissão e a obra resultante dela. A tatuagem costuma ser uma produção efêmera – se vai junto com o corpo quando alguém morre, pode ser removida com *lasers* ou coberta com outro desenho. Já as histórias e mudanças que ocorrem na área se perdem quando alguém abandona a carreira ou morre, deixando grandes lacunas de informação. É cada vez mais necessário e urgente que a profissão de tatuador seja registrada de forma detalhada, seja pela academia ou pelos próprios profissionais; uma arte tão antiga, mas reconhecida como profissão tão recentemente não pode não ser considerada.

A produção dos tatuadores também merece cuidado: um tatuador não é nada sem seus desenhos e trabalhos. São eles que ilustram as mudanças e evoluções

ocorridas na carreira, logo, é fundamental que isso seja registrado de alguma forma. Acredito que o registro fotográfico dos trabalhos seja a forma mais simples de proceder a guarda destas artes, ao lado da organização por período, por exemplo, de forma que ficaria clara a evolução dos desenhos.

Ao iniciar este trabalho acreditei que seria fácil, por já estar “inserida” no meio – as cores em meu corpo não me deixam mentir – porém me enganei. Afinal, é uma atividade baseada nas pessoas, e elas são sempre muito mais complexas do que parecem. Realizar esta pesquisa me proporcionou aprendizados sobre tatuagem, obviamente, mas também sobre a vida e sobre o ser humano. Espero que o leitor, ao longo dessas páginas, tenha tido a oportunidade de conhecer e se encontrar em um caminho tão belo e colorido.

REFERÊNCIAS

Livros, artigos, dissertações e teses

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2005. 110p.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Editora Bertrand Brasil S. A. Rio de Janeiro, 1989. 313p.

COSTA, Zeila. **Do Porão ao Estúdio: Trajetórias de tatuadores e transformações no universo da tatuagem**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. 111p.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Notas Acerca do Saber e do Saber-Fazer da Escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (40), fev. 1982. p.58-60.

DELUCA, Gabriela. **“Você só tatua?”: A trajetória profissional no campo da tatuagem**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. 187p.

DESVALEÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo, Armand Colin, 2013. 100p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986. 1838p.

FERREIRA, Diego de Jesus Vieira. **Artesãos da pele: aprendendo a ser tatuador**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012a. 165p.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Das belas artes à arte de tatuar: dinâmicas recentes do mundo português da tatuagem. In: **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2012b. p. 56-112

FERREIRA, Vitor Sérgio. De ofício de periferia a arte periférica: a criativização da prática de tatuar. **Revista Trajectos**, Lisboa, v. 2, n. 1, 2013. p. 159-170

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1959. 254p.

FISHER, Jill A. Tattooing the body, marking culture. **Body & Society**, vol. 8, 4 ed, 2002. p.91-107.

GHIZONI, Tiago Santiago. **Do porto à pele: a história da tatuagem profissional no Brasil**. Relatório Técnico de TCC (GRADUAÇÃO) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. 32p.

GÓMEZ, Clara Maduell. **A pele marcada: um estudo antropológico sobre o corpo como superfície simbólica na sociedade urbana atual**. TCC (Graduação) – Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. 69p.

GUSSO, Francisco Benvenuto. A tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade. **Revista Vernáculo**, Curitiba, v. 1, n. 37, set. 2016. p.112-131.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2006. 102p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ed. Editora Objetiva Ltda, Rio de Janeiro, 2009. 1986p.

LEBRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Editora Papirus, Campinas, SP, 2003. 240p.

LEBRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Editora Miosótis, Lisboa, 2004. 267p.

LEITÃO, Débora Krischke. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. In: **Iluminuras**: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, n.10, 2004. 37p.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997. 246p.

MENSCH, Peter Van. Objeto de estudo da Museologia. **Pretextos Museológicos I**. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994. 23p.

OLIVEIRA, Ana Mônica Palinhos. **A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2012a. 55p.

OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de. O conceito de campo em Bakhtin e Bourdieu

para a abordagem dos gêneros jornalísticos na escola. **Revista Educação e Linguagem**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago/dez. 2012b. p. 157-173.

OSÓRIO, Andréa Barbosa. **O Gênero da Tatuagem: Continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado) – Curso de Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. 250p.

PEREIRA, Beatriz Patriota. **A pele pede palavra: reflexões sobre o caráter artístico da tatuagem**. TCC (Graduação) – Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2013. 42p.

PEREIRA, Beatriz Patriota. **“O mais profundo é a pele”: processos de construção de identidade por meio da tatuagem**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2016. 157p.

PEREIRA, Beatriz Patriota. “Todo mundo quer ser artista”: Negociações por reconhecimento artístico entre os tatuadores de São Paulo. **40º Encontro Anual da Anpocs**. São Paulo, 2016. 21p.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 32, set/dez. 2015. p. 337-356.

SANDERS, Clinton R; VAIL, D. Angus. **Customizing the body: the art and culture os tattooing**. Temple University Press, Filadélfia, 2008. 237p.

SHAPIRO, Roberta. Que é artificação? **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 1, jan. 2007. p.135-151.

SHAPIRO, Roberta; HEINICH, Nathalie. Quando há Artificação? **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28, n. 1, jan. 2013. p.14-28.

SOUZA, Camila Vieira de. **A tatuagem como meio da arte: o corpo, a marginalidade e a apropriação simbólica**. TCC (Graduação) – Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. ([2016?]). 53p.

Arquivos de áudio

DEMINGO, Eduardo “Edu”. **Entrevista I**. Entrevistadora: Thais Guaragna Morales.

Porto Alegre, 13 set. 2017. 4 arquivos .mp3 (total 73 min).

FLECK, Leandro “Bola”. **Entrevista I**. Entrevistadora: Thais Guaragna Morales. Porto Alegre, 29 set. 2017. 1 arquivo .mp3 (61 min).

FONTANA, Verani. **Entrevista I**. Entrevistadora: Thais Guaragna Morales. Porto Alegre, 8 ago. 2017. 2 arquivos .mp3 (total 57 min).

VARGAS, Nilton. **Entrevista I**. Entrevistadora: Thais Guaragna Morales. Porto Alegre, 17 ago. 2017. 1 arquivo .mp3 (55 min).

WEBER, Fernanda. **Entrevista I**. Entrevistadora: Thais Guaragna Morales. Porto Alegre, 11 ago. 2017. 1 arquivo .mp3 (25 min).

Sites e referências *online*

DESCOBERTA tatuagem cristã em múmia com 1300 anos. Disponível em <<http://www.ciencia-online.net/2014/03/descoberta-tatuagem-crista-em-mumia.html>>. Acesso em 31/05/2017.

FRRRKGUYS: Beautification, body art & body modification culture. Disponível em <<http://www.frrrkguys.com.br/>>. Acesso em 17/11/2017.

HOOTON, Christopher. **Man sells his tattooed skin to art collector who will have him flayed when he dies**. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/art/news/wim-delvoye-tattoo-skin-back-tim-steiner-rik-reinking-art-a7560936.html>>. Acesso em 04/12/2017.

LEVI'S e tatuadores do estúdio BlackBallCrew customizam jaquetas. O resultado virou exposição!. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Moda/noticia/2017/06/levis-convida-tatuadores-para-customizar-jaquetas-e-o-resultado-virou-exposicao.html>>. Acesso em: 04/12/2017.

LIMA, Nara de. **Museu Tattoo Brasil**. Disponível em: <<http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/2886-museu-da-tatuagem>>. Acesso em 30/10/17.

LIVERPOOL Tattoo Museum. Disponível em: <<http://www.tattoomuseum.co.uk/>>. Acesso em 27/11/2017

LOPES, Filipe. **Dermatologia: mitos e verdades da cicatrização das tatuagens.** Disponível em <<https://www.tattodo.com/a/2015/10/dermatologia-mitos-e-verdades-da-cicatrizacao-das-tatuagens/>>. Acesso em 07/11/2017.

LUCKYS Tattoo Museum. Disponível em: <<http://www.lstattoomuseum.com/>>. Acesso em: 27/11/2017.

MACDONALD, Fiona. **Tattoos: 150 years of body art.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/culture/story/20150313-high-societys-hidden-tattoos>>. Acesso em: 04/12/2017.

MORÉ, Carol T. **Conheça o museu da tatuagem em São Paulo.** Disponível em: <<http://followthecolours.com.br/tattoo-friday/tattoofriday-conheca-o-museu-da-tatuagem-em-sao-paulo/>>. Acesso em 30/10/17.

MÚMIA de 5.300 anos é encontrada nos Alpes italianos. Disponível em <<https://seuhistory.com/hoje-na-historia/mumia-de-5300-anos-e-encontrada-nos-alpes-italianos>>. Acesso em 31/02/2017.

OLIVEIRA, Niara de. **Coleção de peles tatuadas.** Disponível em: <<https://www.mundodastatuagens.com.br/blog/2014/02/colecao-de-peles-tatuadas/>>. Acesso em 04/12/2017.

OLIVEIRA, Niara de. “Suíço vendeu a pele das costas para virar obra de arte”. Disponível em: <<https://www.mundodastatuagens.com.br/blog/2017/02/suico-vendeu-pele-das-costas-para- virar-obra-de-arte/>>. Acesso em: 04/12/2017.

VERANI Tattoo. Disponível em: <<http://www.veranitattoo.com.br/>>. Acesso em: 17/11/2017.

Redes sociais

DEMINGO, Eduardo “Edu”. Perfil Facebook. [S.l.], 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/edutattoo.tatuagensartisticas/>>. Acesso em 10/11/17.

FLECK, Leandro “Bola”. Perfil Facebook. [S.l.], 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/bolatattoostudio>>. Acesso em 10/11/17.

FONTANA, Verani. Perfil Facebook. [S.l.], 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/veranitattoo>>. Acesso em 10/11/17.

VARGAS, Nilton. Perfil Facebook. [S.l.], 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nilton.vargas.79>>. Acesso em 10/11/2017.

WEBER, Fernanda. Perfil Facebook. [S.l.], 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/fernanda.weber.568>>. Acesso em 10/11/17.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA / Verani Fontana

Passado

- 1) Quando iniciou teu gosto por arte/desenho?
- 2) E o interesse por tatuagem?
- 3) Como foi tua iniciação no meio da tatuagem?
- 4) Onde e como foi teu primeiro trabalho como tatuador? Teve algum “mestre”?
- 5) Já trabalhastes em outros locais que não Porto Alegre?

Estúdios/lojas

- 6) Qual a história das tuas lojas? Como foi a decisão de ser independente nesse ramo?
- 7) Como é a seleção de quem vai trabalhar contigo?
- 8) Vocês trabalham com aprendizes? Como é essa relação?

Arte e evoluções

- 9) Considera tatuagem arte? Se considera artista?
- 10) Tu já realizaste cursos e especializações na área? Há alguma experiência mais relevante para mencionar?
- 11) Há alguma mudança material na área da tatuagem que tu consideras fundamental para que o trabalho se dê da forma como acontece hoje?
- 12) Há alguma mudança na questão de pessoas (seja dos consumidores ou dos profissionais) na área da tatuagem que tu consideras fundamental para que o trabalho se dê da forma como acontece hoje?
- 13) Os materiais e práticas mais antigos referentes à tatuagem são preservados de alguma forma? Caso não, tu acreditas que deveriam ser?
- 14) A tua produção (carimbos/stencils e as tatuagens propriamente ditas) são ou podem ser consideradas acervo? Como tu lidas com essa questão de preservar os trabalhos que já realizou?

Relações e gênero

- 15) Tu te inspiras ou te espelhas em alguém da área? Tens alguém que considere um professor ou mestre?
- 16) Como é tua relação com outros tatuadores (que trabalham contigo e que trabalham em outros locais)? Tens alguma proximidade com profissionais de outros estúdios, cidades, estados e países?
- 17) E a relação entre os profissionais e clientes?
- 18) Tu acreditas que há uma identidade que aproxime os profissionais?
- 19) Existe alguma tradição entre vocês? Algo em que todos (ou a maioria) os tatuadores procedam da mesma forma?
- 20) Na tua opinião, há muitas mulheres tatuadoras ou iniciando na área?
- 21) Há diferença entre os trabalhos realizados por homens ou mulheres? Existe uma preferência dos clientes?
- 22) Por que há tão poucas mulheres no teu estúdio? Isso é uma decisão ou apenas algo que aconteceu?

Porto Alegre

- 23) Podes me contar como tu vêes o campo da tatuagem em Porto Alegre? Mudou muito de quando tu começaste pra hoje em dia? Se sim, qual ou quais as maiores mudanças?
- 24) Há algo no campo em que POA se diferencie de outras cidades?

Sociedade

- 25) Como tu vêes a tatuagem hoje em dia? E como tu acreditas que ela tem sido vista pela sociedade? Podes me falar sobre as diferenças de quando tu iniciastes pra atualmente?
- 26) Como é o reconhecimento do teu trabalho e da tua profissão, com relação a outros profissionais e à sociedade em geral? Houveram mudanças desde o teu início pro momento atual?
- 27) Tu te vêes fazendo outra coisa?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA / Nilton Vargas

Passado

- 1) Quando iniciou teu gosto por arte/desenho?
- 2) E o interesse por tatuagem?
- 3) Como foi tua iniciação no meio da tatuagem?
- 4) Onde e como foi teu primeiro trabalho como tatuador? Teve algum “mestre”?
Em que momento tu passou a ser um *profissional* da tattoo?
- 5) Já trabalhastes em outros locais que não Porto Alegre?

Evoluções e Arte

- 6) Já realizou cursos e/ou especializações na área? Curso de desenho etc?
- 7) Alguma mudança material na área que tenha sido relevante, de quando tu iniciou até hoje?
- 8) Alguma mudança na questão de pessoas (consumidores ou profissionais) na área da tatuagem que tenha sido fundamental?
- 9) Materiais e práticas mais antigos referentes à tattoo devem/deveriam ser preservados de alguma forma?
- 10) Considera tatuagem arte? Se considera artista?
- 11) A tua produção (carimbos/stencils e as tatuagens propriamente ditas) são ou podem ser consideradas acervo? Como tu lidas com essa questão de preservar os trabalhos que já realizou?

Relações e gênero

- 12) Tu te inspiras ou te espelhas em alguém da área? Tens alguém que considere um professor ou mestre?
- 13) Como é tua relação com outros tatuadores (que trabalham contigo e que

trabalham em outros locais)? Tens alguma proximidade com profissionais de outros estúdios, cidades, estados e países?

- 14) E a relação entre os profissionais e clientes?
- 15) Tu acreditas que há uma identidade que aproxime os profissionais?
- 16) Existe alguma tradição entre vocês? Algo que seja ensinado e todos os tatuadores (ou a maioria) procedam da mesma forma?
- 17) Na tua opinião, há muitas mulheres tatuadoras ou iniciando na área?
- 18) Há diferença entre os trabalhos realizados por homens ou mulheres? Existe uma preferência dos clientes?

Porto Alegre/Sociedade

- 19) Como tu vê o campo da tattoo em POA? Tem mudado? Qual/ais a maior mudança?
- 20) Há algo no campo que diferencie POA de outras cidades/locais?
- 21) Como tu vê a tattoo hoje em dia? Como tu acha que tem sido vista pela sociedade?
- 22) Como é o reconhecimento do teu trabalho e profissão, com relação a outros profissionais e à sociedade?
- 23) Tu se vê fazendo outra coisa?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA / Fernanda Weber

Passado

- 1) Quando iniciou teu gosto por arte/desenho?
- 2) E o interesse por tatuagem?
- 3) Como foi tua iniciação no meio da tatuagem?
- 4) Onde e como foi teu primeiro trabalho como tatuador? Teve ou tem algum professor ou mestre?

Arte

- 5) Considera tatuagem arte? Se considera artista?
- 6) O que tu acreditas que diferencie a tatuagem de outras artes, ou o que a legitima como arte?
- 7) Como tu lida com a “cópia” de trabalhos? Tu realiza trabalhos não-autorais? O que tu achas disso?
- 8) Tu registra de alguma forma os trabalhos que realiza? Acha que isso deve ser feito?

Relações

- 9) Como é tua relação com outros tatuadores? Tens alguma proximidade com profissionais de outros estúdios, cidades, estados e países?
- 10) Tu acreditas que há uma identidade que aproxime os profissionais?
- 11) Existe alguma tradição que esteja sendo passada para ti? Algo em que todos (ou a maioria) os tatuadores procedam da mesma forma?

Sociedade

- 12) Como tu vê a tatuagem hoje em dia? E como tu acreditas que ela tem sido

vista pela sociedade?

- 13) Como é o reconhecimento do teu trabalho, com relação a outros profissionais e a sociedade em geral?

Gênero

- 14) Como é ser uma mulher iniciante nessa área?
- 15) O que tu acha do trabalho de outras tatuadoras?
- 16) Na tua opinião há diferença de estilo entre tatuadoras e tatuadores?
- 17) Tu acredita que haja uma preferência ou recusa pelos clientes quanto a iniciantes e profissionais mulheres?
- 18) Há preconceito na área por tu seres mulher?

Futuro

- 19) Tu pretendes de aperfeiçoar? Realizar cursos e workshops? Trabalhar em estúdios reconhecidos?
- 20) Busca reconhecimento de nomes conhecidos da área?
- 21) Tu queres continuar no meio da tatuagem, ser uma profissional reconhecida nessa área, ou é apenas uma diversão?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA / Edu Tattoo

Passado

- 1) Primeiro preciso do teu nome e da tua idade.
- 2) Quando iniciou teu gosto por arte/desenho?
- 3) E o interesse por tatuagem?
- 4) Como foi tua iniciação no meio da tatuagem?
- 5) Onde e como foi teu primeiro trabalho como tatuador? Teve algum “mestre”/foi aprendiz de alguém?

Estúdios/lojas

- 6) Qual a história das tuas lojas? Como foi a decisão de ser independente nesse ramo?
- 7) Tu trabalhas com aprendizes? Como é essa relação?
- 8) Como é a seleção de quem vai trabalhar contigo?

Arte e evoluções

- 9) Tu já realizaste cursos e especializações na área? Há alguma experiência mais relevante para mencionar?
- 10) Há alguma mudança material na área da tatuagem que tu consideras fundamental para que o trabalho se dê da forma como acontece hoje?
- 11) Há alguma mudança na questão de pessoas (seja dos consumidores ou dos profissionais) na área da tatuagem que tu consideras fundamental para que o trabalho se dê da forma como acontece hoje?
- 12) Os materiais e práticas mais antigos referentes à tatuagem são preservados de alguma forma? Caso não, tu acreditas que deveriam ser?
- 13) A tua produção (carimbos/stencils e as tatuagens propriamente ditas) são ou

podem ser consideradas acervo? Como tu lidas com essa questão de preservar os trabalhos que já realizou?

- 14) Há algum tipo de trabalho que tu não faça?
- 15) Tu realiza “cópias”? O que acha dessa prática?
- 16) Considera tatuagem arte? Se considera artista?
- 17) Tu trabalha com vários estilos? Tem preferência por algum?

Relações e gênero

- 18) Tu te inspiras ou te espelhas em alguém da área? Tens alguém que considere um professor ou mestre?
- 19) Como é tua relação com outros tatuadores (que trabalham contigo e que trabalham em outros locais)? Tens alguma proximidade com profissionais de outros estúdios, cidades, estados e países?
- 20) E como é a relação profissional X clientes?
- 21) Tu acredita que há uma identidade que aproxime os profissionais?
- 22) Existe alguma tradição entre vocês? Algo em que todos (ou a maioria) os tatuadores procedam da mesma forma, ou que tenha sido passada pra ti quando começou e tu ainda siga?
- 23) Mudando um pouco, na tua opinião, há muitas mulheres tatuadoras ou iniciando na área?
- 24) Há diferença entre os trabalhos realizados por homens ou mulheres? Existe uma preferência dos clientes?

Porto Alegre

- 25) Podes me contar como tu vêes o campo da tatuagem em Porto Alegre? Mudou muito de quando tu começaste pra hoje em dia? Se sim, qual ou quais as maiores mudanças?

26) Há algo no campo em que POA se diferencie de outras cidades?

Sociedade

27) Como tu vê a tatuagem hoje em dia? E como tu acreditas que ela tem sido vista pela sociedade? Podes me falar sobre as diferenças de quando tu iniciastes pra atualmente?

28) Como é o reconhecimento do teu trabalho e da tua profissão, com relação a outros profissionais e à sociedade em geral? Houveram mudanças desde o teu início pro momento atual?

29) Tem algo que tu mudaria na tua carreira?

30) Tu te vê fazendo outra coisa?

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA / Bola Tattoo

Passado

- 1) Quando iniciou teu gosto por arte/desenho?
- 2) E o interesse por tatuagem?
- 3) Como foi tua iniciação no meio da tatuagem?
- 4) Onde e como foi teu primeiro trabalho como tatuador? Teve algum “mestre” ou foi aprendiz de alguém?

Estúdios/lojas

- 5) Qual a história da(s) tua(s) loja(s)? Como foi a decisão de ser independente nesse ramo?
- 6) Tu trabalhas ou já trabalhou com aprendizes? Como é isso?

Arte e evoluções

- 7) Já realizou cursos ou especializações em desenho/tatuagem?
- 8) Há alguma mudança material na área da tatuagem que tu consideres fundamental?
- 9) Há alguma mudança na questão de pessoas que tu consideres fundamental?
- 10) Os materiais e práticas mais antigos/rudimentares referentes à tatuagem são preservados de alguma forma? Tu acredita que deveriam ser?
- 11) A tua produção (carimbos, stencils, rascunhos e as tattoos propriamente ditas) são ou podem ser consideradas acervos? Como tu lida com essa questão de preservar os trabalhos que já realizou?
- 12) Há algum tipo de trabalho que tu não faças?
- 13) O que acha de “cópias”?
- 14) Tu trabalhas com vários estilos; tens preferência por algum?
- 15) Considera tatuagem arte? Se considera artista?

Relações e gênero

- 16) Te inspiras ou espelhas em alguém? Tens alguém que considere um professor ou mestre?
- 17) Como é a relação com outros tatuadores?
- 18) Como é a relação profissional x clientes?
- 19) Tu acreditas que haja alguma identidade que aproxime os profissionais?
- 20) Existe alguma tradição entre vocês?
- 21) Na tua opinião, há muitas mulheres tatuadoras ou iniciando? Como era no passado?
- 22) Tu acreditas que haja diferença entre os trabalhos realizados por homens e mulheres?

Porto Alegre

- 23) Como tu vêes o campo da tattoo em Porto Alegre? Mudou muito de quando tu começaste até hoje? Qual(ais) a maior mudança?
- 24) Há algo que diferencie a tattoo de Porto Alegre de outras cidades?

Sociedade

- 25) Como tu vêes a tatuagem hoje em dia? Como tem sido vista pela sociedade? Podes me falar sobre as diferenças de antes para hoje?
- 26) Como é o reconhecimento do teu trabalho e da tua profissão, com relação a outros profissionais e à sociedade em geral? Houve mudanças desde o teu início pro momento atual?
- 27) Há algo que tu mudarias na tua carreira?
- 28) Tu te vêes fazendo outra coisa?

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu,

....., RG n°

....., CPF n° abaixo assinado(a),

autorizo Thais Guaragna Morales, estudante de Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas e imagens fotográficas capturadas e/ou cedidas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título

.....

..... e está sendo orientado pela Prof^a Me. Marlise Maria Giovanaz. A presente autorização é concedida gratuitamente, de livre e espontânea vontade, não sendo recebido qualquer tipo de remuneração para o uso de tais informações e imagens, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem.

Porto Alegre, de de 2017 .

Assinatura do entrevistado

Assinatura do entrevistador